

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

GIOVANNA VEIGA DOS SANTOS

**PARA ALÉM DA SALA DE AULA:
a Galeria Experimental como espaço de difusão cultural**

Porto Alegre

2020

GIOVANNA VEIGA DOS SANTOS

**PARA ALÉM DA SALA DE AULA:
a Galeria Experimental como espaço de difusão cultural**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Carlos André Bulhões

Vice-Reitora Patrícia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Karla Maria Müller

Vice-Diretora Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia Samile Andréa de Souza Vanz

Chefia Substituta Rene Faustino Gabriel Junior

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora Jeniffer Alves Cuty

Coordenador Substituto Eráclito Pereira

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Giovanna Veiga dos
PARA ALÉM DA SALA DE AULA: a Galeria Experimental
como espaço de difusão cultural / Giovanna Veiga dos
Santos. -- 2020.
95 f.
Orientadora: Ana Carolina Gelimini de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Fato Museal. 2. Educação Dialógica . 3. Ação
Cultural . 4. IFSul Câmpus Sapucaia do Sul. 5. Galeria
Experimental. I. Faria, Ana Carolina Gelimini de,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana

Porto Alegre - RS

Telefone (51) 33085067

E-mail: fabico@ufrgs.br

GIOVANNA VEIGA DOS SANTOS

**PARA ALÉM DA SALA DE AULA:
a Galeria Experimental como espaço de difusão cultural**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Aprovado em de de 2020

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Gelmini de Faria (Orientadora) - UFRGS

Prof^a. Dr^a Fernanda Carvalho de Albuquerque - UFRGS

Prof^a. Dr^a. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus por todas as oportunidades que Ele me deu, assim como pelas pessoas maravilhosas que Ele colocou no meu caminho, sem Ele e sem cada uma delas não estaria onde estou hoje.

À toda a minha família, minha mãe e meu pai pelo apoio, incentivo e amor incondicional durante toda a minha vida e minha formação. À minha irmã, Roberta por ser minha maior torcedora e minha dupla para todos os momentos, ao meu cunhado Carlos, pela parceria e irmandade. Não posso deixar de fora a sexta integrante emprestada, minha prima Bibiana, por se tornar irmã, pela amizade e por todas as aventuras que me proporciona.

À meu querido grupo de amigos, mais conhecido como “Pia”, a amizade de vocês me faz crescer, é um prazer dividir minha vida com cada um, durante esses nove anos. Em especial às minhas amigas Maria Eduarda e Mariane, pela nossa relação de confiança e amor, obrigada por serem meu porto seguro.

Às amigas que a Museologia me proporcionou, Bárbara pelo bom humor e parceria dentro e fora da sala de aula, Gabriela pelo jeito único de levar a vida e contagiar a todos em sua volta com sua alegria e simplicidade. À Aline e Israel por serem tão especiais e me presentarem com o “bonde da coquinha”, responsável por muitas das minhas gargalhadas. E a todos as(os) colegas que dividiram sala de aula comigo e que tornam o curso de Museologia especial.

Às pessoas maravilhosas que conheci durante os estágios, principalmente às colegas que se tornaram grandes amigas, Shelley e Karen, muito obrigada por serem tão especiais, pelos chimarrões compartilhados e por tornarem a rotina de trabalho muito mais animada.

Às professoras e professores que tive ao longo da minha formação educacional, principalmente no tempo que estudei no IFSul. Foi um privilégio usufruir de uma educação cidadã.

Às professoras e professores da Museologia que nos guiam nessa caminhada com muito carinho, demonstrando tanto amor pela nossa área. Em especial à minha banca avaliadora, Vanessa Aquino e Fernanda Albuquerque pelos ensinamentos, por terem aceitado esse convite e pela a colaboração com minha pesquisa.

À minha querida orientadora, Ana Carolina Gelimini, por ser uma professora incrível, por todo suporte a atenção durante esta pesquisa, e pelas orientações

divertidas que dividimos durante esse período de isolamento social. Tua dedicação é incomum, eu te admiro muito e foi um prazer dividir essa escrita contigo.

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso pesquisa o papel da Galeria Experimental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Câmpus Sapucaia do Sul, como um espaço de difusão cultural na Região Metropolitana de Porto Alegre-RS. Analisa a história do IFSul e sua relação com a produção de atividades culturais e principalmente investiga a Galeria Experimental como um fenômeno cultural, a partir de seu processo de implementação, a fim de compreendê-la dentro deste espaço escolar e sua relação com a comunidade. Para o embasamento teórico utiliza os conceitos de fato museal (GUARNIERI, [1981] 2010), educação dialógica (FREIRE, 2019) e ação cultural (COELHO NETO, 1997). Estes colaboraram no processo de reflexão e análise acerca da atuação da Galeria Experimental no ambiente que ela ocupa. A metodologia aplicada nesta pesquisa abrange a análise bibliográfica e documental a fim de compreender a história da instituição que abriga a Galeria Experimental, o IFSul Câmpus Sapucaia do Sul, assim como ir a fundo na narrativa da criação do próprio espaço. Além disso, foram distribuídos questionários para os variados agentes que ocupam de formas diferentes este ambiente. A pesquisa destaca a importância da existência de projetos que subvertem o conhecido e o usual, evidenciando o impacto que um espaço de fruição de arte e de produção cultural no ambiente escolar pode gerar naqueles que o usufruem. Conclui que a Galeria Experimental possui aproximações com o campo da Museologia, onde destaca-se relações e experiências propiciadas de caráter museal. Da mesma forma, nota-se a aplicação das ideias de educação dialógica na forma de trabalho da equipe, assim como identifica-se a Galeria Experimental como um projeto de ação cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Fato Museal. Educação Dialógica. Ação Cultural. IFSul Câmpus Sapucaia do Sul. Galeria Experimental.

ABSTRACT

This course conclusion paper investigates the role of the Experimental Gallery of the South rio-grandense Federal Institute of Education, Science and Technology (IFSul), Sapucaia do Sul Campus, as a space for cultural diffusion in the Metropolitan Region of Porto Alegre-RS. It analyzes the history of IFSul and its relationship with the production of cultural activities and mainly investigates the Experimental Gallery as a cultural phenomenon, based on its implementation process, in order to understand it within this school environment and its relationship with the community. For the theoretical basis, this work uses the concepts of museological fact (GUARNIERI, [1981] 2010), dialogic education (FREIRE, 2019) and cultural action (COELHO NETO, 1997). These collaborated in the process of reflection and analysis of the functioning of the Experimental Gallery in the space it occupies. The methodology applied in this research includes bibliographic and documentary analysis in order to understand the history of the institution that houses the Experimental Gallery, the IFSul Sapucaia do Sul Campus, as well as going deeper into the narrative of the creation of the space itself. In addition, questionnaires were distributed to the various agents who occupy this environment in different ways. The research highlights the importance of the existence of projects that subvert the known and the usual, highlighting the impact that a space for the appreciation of art and cultural production in the school environment can generate in those who enjoy it. It concludes that the Experimental Gallery has approximations with the field of museology, in which relations and experiences of a museological character stand out. Likewise, the application of the ideals of dialogic education to the team's work is noted, as well as the Experimental Gallery is identified as a cultural action project.

KEY WORDS

Museological fact. Dialogic education. Cultural Action. IFSul Sapucaia do Sul Campus. Experimental Gallery.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da região com área do município de Sapucaia do Sul destacada	21
Figura 2 - Visão aérea do Câmpus Sapucaia do Sul no ano de 2019	22
Figura 3 - Processo de construção da unidade de Sapucaia do Sul no ano de 1995	23
Figura 4 - Planta baixa da Galeria experimental	27
Figura 5 - Exposição Chaine da artista Paula Plim em 2016	29
Figura 6 - Alunos da turma 4M de 2015 e professor Guilherme Reichwald na exposição	31
Figura 7 - Equipe da Galeria Experimental em 2019	33
Figura 8 - Oficina de teatro durante o IV Encontro de Arte, Cultura e Cidadania.....	36
Figura 9 - Puxa Papo com Pablito Aguiar	37
Figura 10 - Exposição Histeria na Faculdade EST	38
Figura 11 - Postagem do projeto Galeria em Casa	53

LISTA DE SIGLAS

CEFET	Centros Federais de Educação Tecnológica
CNC	<i>Computer Numeric Controle</i>
EST	Escola Superior de Teologia
ETFPel	Escola Técnica Federal de Pelotas
IF	Instituto Federal
IFF	Instituto Federal Farroupilha
IFRS	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
IFSul	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense
RS	Rio Grande do Sul
UNED	Unidade de Ensino Descentralizada

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 IFSUL E GALERIA EXPERIMENTAL: um itinerário entre a cultura, a arte e a educação.....	17
2.1 IFSul Câmpus Sapucaia do Sul: casa da Galeria Experimental	20
2.2 Prazer, Galeria Experimental	27
3 GALERIA EXPERIMENTAL SOB A ÓTICA MUSEAL: iniciativas, desafios e impacto social na perspectiva museológica.....	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE A - Roteiro do questionário das(os) artistas	63
APÊNDICE B - Roteiro do questionário das(os) voluntárias(os)	64
APÊNDICE C - Roteiro do questionário das professoras.....	65
ANEXO A - Exposições da Galeria Experimental	66

1 INTRODUÇÃO

Posso afirmar que fui uma das pessoas que senti na pele o impacto e o valor de um espaço que se propõe a difundir a arte dentro de uma escola. Sim, fui aluna do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) Câmpus Sapucaia do Sul e presenciei como espectadora o processo de criação e implantação de sua Galeria Experimental. Hoje, me afastando e analisando minha trajetória, percebo com clareza que seria uma pessoa diferente caso não tivesse tido a oportunidade de ter tanto contato com diferentes manifestações culturais, como a arte, no meu espaço de formação educacional. Talvez nem estaria escrevendo meu trabalho de conclusão no curso de Museologia. Possivelmente os processos dos museus e exposições não me chamassem tanto a atenção. Porém, são essas ações, como a criação da Galeria Experimental, que tem a capacidade de provocar emoções e transformar, em alguma escala, a vida daqueles que usufruem da sua produção.

A Galeria Experimental está situada no IFSul Câmpus Sapucaia do Sul, seu processo de criação iniciou no ano de 2013 onde converteu o que antes era uma sala de aula em um espaço de fruição da arte. Este projeto vem ganhando cada vez mais força, o que começou com uma exposição de fotografias referente a uma saída de campo, hoje recebe artistas reconhecidos na região e tem extrapolado os limites territoriais do IFSul. Mesmo com os desafios de manter este espaço ativo, a Galeria permanece atuando com exposições regulares e eventos culturais que produz.

Este projeto não deve ser visto como uma ação isolada neste espaço escolar. O IFSul tem como uma de suas características a preocupação com a formação cultural de seus alunos. Porém, desde a implantação do antigo curso técnico em Gestão Cultural é possível perceber que houve um maior fomento em relação a participação e produção de projetos ligados às diversas manifestações culturais. Isso se faz presente na esfera institucional, mas principalmente por trabalho e incentivo das(os) servidoras(es) e professoras(es) que possuem importantes papéis a frente dessas ações.

A importância dessa atuação cultural não se dá somente dentro da escola, mas também é possível perceber a relevância destes projetos na região onde está localizado o IFSul. Isto se dá devido à escassez de equipamentos culturais, e ainda em maior escala quando a manifestação é a arte, principalmente no município de

Sapucaia do Sul, mas também nas cidades vizinhas. Visto isso, a Galeria Experimental possui o potencial de ser uma referência como espaço de difusão da arte na região.

Com base na apresentação do panorama contextual em que a Galeria Experimental está inserida, percebe-se que sua atuação vem para fortalecer a experiência oferecida neste espaço educacional, por meio da arte. Esta potencialização ocorre com aqueles que usufruem de suas exposições, mas também para quem participa de forma ativa no processo de produção. Portanto, qual é o papel da Galeria Experimental do IFSul Câmpus Sapucaia do Sul como um espaço de difusão cultural na Região Metropolitana de Porto Alegre-RS?

O objetivo desta pesquisa é investigar como a Galeria Experimental do IFSul Câmpus Sapucaia do Sul tem se colocado como um espaço fomentador de cultura na Região Metropolitana de Porto Alegre-RS. E a partir daí pesquisar a história do IFSul e sua relação com a produção de atividades culturais; investigar a Galeria Experimental como um fenômeno cultural; analisar como se deu o processo de implantação da Galeria Experimental; compreender uma galeria de arte inserida em um espaço escolar; avaliar de que forma a comunidade se relaciona com a Galeria Experimental.

Na conjuntura atual brasileira, onde um dos esforços da população está na luta pela manutenção de uma educação de qualidade e se discute a permanência dos Institutos Federais, os quais se destacam por sua excelência na formação educacional, é de grande importância que o trabalho realizado nessas instituições sejam de conhecimento público, que essa qualidade seja apontada para aqueles que não fazem parte desta comunidade escolar. Nesse sentido, a pesquisa se insere neste cenário, visto que coloca em evidência os esforços de determinado grupo em levar a arte para onde ela não chega.

Além de colocar em destaque a atuação do IFSul, a produção desta pesquisa faz com que se valorize também as ações que relacionam a educação e a arte. Visto que a Galeria Experimental proporciona esse diálogo, no sentido de trazer obras e acervo artístico para dentro de uma escola, fazendo com que se ultrapasse a barreira da dificuldade de acesso. Outro fator a ser destacado é que o objeto de estudo ainda não foi analisado a partir do olhar científico, sendo um contributo refletir sobre esse cenário sob a perspectiva museal.

Ademais, deve ser destacado que na região onde se encontra o IFSul espaços de memória e de fruição não se fazem presentes em grande número. Portanto, se percebe a importância de dar visibilidade para projetos que vêm sendo constituídos de uma forma tão inovadora para uma região que não possui uma variedade de espaços museológicos, ainda menos quando se faz o recorte temático da arte.

Com a finalidade de organizar as questões que norteiam esta pesquisa foram determinados alguns conceitos que irão auxiliar na fundamentação dos temas abordados. Visto isso, a Galeria Experimental será explorada sob três perspectivas, a do fato museal (GUARNIERI [1983] 2010), a da educação dialógica (FREIRE, 2019) e a da política cultural (CLANCLINI, 2001), com ênfase na ação cultural (COELHO NETO, 1997).

Em relação ao processo metodológico, a pesquisa se caracteriza como documental com enfoque em um estudo de caso, se utilizando de entrevistas estruturadas. Se define como bibliográfica, pois se utilizou de material já produzido sobre a temática, assim se torna também exploratória e descritiva. Para a análise desses dados, foi utilizada a abordagem qualitativa.

Em relação às fontes utilizadas nesta pesquisa foram de cunho bibliográfico, documental e de campo. Aproveitou-se de pesquisas acadêmicas que estivessem relacionadas de alguma forma com o tema abordado. Nesse sentido, ademais se utilizou de fontes como o site da Galeria Experimental, o qual possui uma gama de informações sobre sua atuação desde sua criação, assim como documentos institucionais que evidenciam sua trajetória, como projetos de extensão e plano de trabalho de bolsistas. Os dados também foram obtidos por meio de questionários estruturados realizados com os diversos agentes presentes e atuantes neste espaço (Apêndices A-C).

Desejava-se realizar coletas de informações em campo, onde o foco estivesse no levantamento de dados a partir da observação do cotidiano de trabalho realizado no objeto de estudo. Porém com a situação atual do Brasil, onde nos encontramos em distanciamento social, devido a pandemia ocasionada pela doença do coronavírus (COVID-19), as metodologias foram adaptadas.

A estrutura deste trabalho foi organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta a introdução do tema, iniciando pelo seu contexto e seguindo

elencando o problema da pesquisa, os objetivos, a justificativa, a metodologia utilizada, assim como, os capítulos que seguirão a escrita do trabalho.

O segundo capítulo, denominado **IFSUL E GALERIA EXPERIMENTAL: um itinerário entre a cultura, a arte e a educação**, compreendeu de onde parte o projeto da Galeria Experimental; para isso apresentou o processo de criação dos Institutos Federais, a caracterização de suas funções de ensino, de pesquisa e de extensão. Além disso, discorreu sobre a história do IFSul Câmpus Sapucaia do Sul, demonstrando sua presença no município e sua especificidade de relação com a cultura e a arte, especialmente com a criação da Galeria Experimental. Assim como, introduziu a GE e descreveu sua história e atuação.

Já o terceiro capítulo, intitulado **GALERIA EXPERIMENTAL SOB A ÓTICA MUSEAL: iniciativas, desafios e impacto social na perspectiva museológica**, propõe uma imersão na Galeria Experimental, que é o objeto de estudo desta pesquisa. Para isto, apresentou os estudos sobre arte e educação, onde discutiu sobre os conceitos de educação dialógica, fato museal, política e ação cultural, articulando com os resultados e contribuições apontados nos processos metodológicos identificando as relações entre teoria e prática.

Para finalizar, o quarto capítulo, denominado **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, se utilizou da junção do debate teórico com os resultados obtidos com base nos processos metodológicos, para concluir a discussão da pesquisa. Desta forma, foi composto pelas considerações sobre as reflexões surgidas, a colaboração que a pesquisa trouxe ao campo de estudo, assim como questões que não foram alcançadas, mas que se tornam potenciais para uma continuidade do trabalho.

Esta troca entre Galeria e Museologia é uma experiência que agrega para ambas as partes. No caso da Galeria Experimental, possibilita o contato com as teorias e as práticas museais, propiciando um diálogo com questões ainda não exploradas. Já para a Museologia, proporciona a análise de um espaço que ainda não possui uma produção científica baseada no seu trabalho, ainda mais com a perspectiva museal. Convidamos as(os) leitoras(es) a acompanhar nas próximas linhas as reflexões sobre uma galeria de arte estruturada em um espaço escolar público e identificar com a autora suas iniciativas, desafios e impacto social sob a perspectiva museológica. Essa é uma pesquisa de valorização à resistência da cultura, da arte e da educação frente ao momento político enfrentado no Brasil.

2 IFSUL E GALERIA EXPERIMENTAL: um itinerário entre a cultura, a arte e a educação

Para compreender de onde parte o projeto da Galeria Experimental, será apresentado neste segundo capítulo o processo de criação dos Institutos Federais, a caracterização de suas funções de ensino, de pesquisa e de extensão. Além disso, será também discorrido sobre a história do IFSul Câmpus Sapucaia do Sul, demonstrando sua presença no município e as especificidades da relação com a arte e a cultura. Por fim, o projeto e atuação da Galeria Experimental serão introduzidos.

Para se pensar sobre os Institutos Federais é necessário observar o contexto histórico e político educacional do país ao longo dos anos. Nesta modalidade de educação profissional o ensino está fortemente relacionado à demanda do mercado. Visto isso, desde seu primeiro formato até os dias atuais, essas instituições têm se transformado e se adequado conforme as necessidades do setor econômico e têm construído suas trajetórias acompanhando as mudanças na forma de ensino, principalmente no que concerne a preocupação em formar profissionais com as aptidões necessárias para este novo ambiente.

Segundo Araújo e Hypólito (2016) diferentes formas de organização têm sido pensadas e colocadas em prática quando se analisa a educação profissional, já que esta tem por característica principal complementar as variações que ocorrem nos setores de produção. Com isso, as instituições federais responsáveis pelo ensino profissional e tecnológico foram passando por processos de transições e ganhando novas roupagens ao longo do tempo.

No que se refere a trajetória do ensino profissionalizante, Rosa (2011) disserta em sua pesquisa que o início se deu em 1909 a partir da fundação de Escolas de Aprendizes Artífices¹. Estas se fizeram presentes em 19 estados brasileiros e é importante destacar que o Rio Grande do Sul não fez parte deste

¹ Embora Rosa (2011) sugira o ano de 1909 como um marco do início do ensino profissionalizante no Brasil, destaca-se a identificação da existência de um ensino profissionalizante já no período Imperial por meio do ensino secundário no contexto do município de Rio Grande-RS. Para mais informações: AQUINO, Vanessa Barrozo Teixeira. A instrução da mocidade rio-grandina: o ensino secundário na cidade do Rio Grande/RS (1850-1889). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 385p., 2017. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5851537 Acesso em: 16 de outubro de 2020.

grupo. Devido a transformação da ocupação agroexportadora para a industrial no país, durante o período de 1930 a 1945 acabaram se tornando Escolas Industriais e Técnicas, com uma nova configuração. Em 1959 foram estabelecidas como Escolas Técnicas Federais, onde se percebe maior delimitação estrutural.

Com passar dos anos as transformações continuaram a acompanhar o contexto do setor econômico. Os anos de 1980 vieram acompanhados da globalização, o que fez com que ampliasse principalmente o que tange a área da informática e telecomunicações, trazendo alterações aos processos de produção. Com isso, este desenvolvimento se refletiu nas escolas, em relação a uma preocupação em ofertar programas que atendessem essa nova demanda. Então, a partir de 1994 iniciou o processo de alteração para Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) (ROSA, 2011).

O próximo importante marco nessa trajetória se trata da publicação da Lei nº 11.195 de 2005, onde estabelece a execução da primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica com a estruturação de 64 novas unidades. A segunda parte do plano ocorreu no ano de 2007, com o objetivo de oferecer a construção de 150 unidades de ensino. Essa implementação seguiu a lógica de integrar projetos sociais às atuações de desenvolvimento territorial e a valorização da atividade produtiva (Idem, 2011).

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) surgiram e foram estabelecidos legalmente no ano de 2008 com a Lei nº11.892. Para a constituição destas novas instituições foram extinguidos 38 centros federais de educação tecnológica, juntamente com 75 unidades descentralizadas, com 39 escolas técnicas, mais sete escolas técnicas federais e oito escolas ligadas às universidades federais. Com isso foi criada uma rede federal mais unificada com 38 IFs.

Para pensar a Educação Técnica Federal no Rio Grande do Sul Rosa (2011) sugere retornar ao ano de 1917, quando se iniciou os esforços para que fosse possível a implantação de uma escola com esta característica. Com isso, foi criada a Escola de Artes e Ofícios no município de Pelotas. Porém, foi apenas em 1930 que a instituição passou a trabalhar de forma efetiva com a modalidade de ensino profissionalizante. Ao longo dos anos ocorreram transformações em relação a sua forma de atuação e com isso sua nomenclatura e cursos oferecidos também se alteravam.

Um dos importantes momentos que auxiliou no processo de delimitação da área de atuação desta escola pelotense e possibilitou uma nova configuração na sua forma de trabalho foi a alteração de Escola Técnica Federal para Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), em 1999. Esse modelo permitiu a implementação de cursos superiores em tecnologia e até mesmo cursos na modalidade de pós-graduação, além dos cursos técnicos de nível médio já oferecidos pela instituição (ROSA, 2011).

Segundo Rosa (2011), o próximo passo dado em relação aos CEFETs foi o de sua transformação em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. A partir de dezembro de 2008 com a Lei nº11.892, o CEFET-RS acabou por se tornar IFSul - Instituto Federal Sul-rio-grandense. Nesta mesma ocasião foram criados o IFRS - Instituto Federal do Rio Grande do Sul e o IFF - Instituto Federal Farroupilha. Estas instituições possuem campi em diferentes municípios do estado, em todas as regiões do mapa. Ao total, no ano de 2011, no qual a autora escreve, o número de pólos era de 24 (Idem, 2011). Já em levantamento atualizado a contagem chega a 42 câmpi.

Mas o que significa se tratar de um Instituto Federal? De acordo com Araújo e Hypólito (2016) os IFs são autarquias federais que consistem em ter independência nas suas variadas formas de arranjo, tanto no sentido administrativo e financeiro, quanto em questões pedagógicas e disciplinares. Além disso, têm por característica de se construir em rede, com campi nas mais diversas localidades, em variados níveis e modalidades de ensino. Um destaque que pode ser feito é a sua responsabilidade com as áreas de pesquisa e extensão que se fazem muito presentes nos Institutos. Então, é possível observar, mesmo que brevemente, uma diferenciada forma de se perceber a educação nestas entidades e isso se dá muito por ter um caráter autônomo.

Otranto (2010), com base na Lei que oficializa a criação dos IFs, afirma em sua pesquisa que os Institutos

[...] se propõe[m] a realizar e estimular a pesquisa aplicada, a **produção cultural**, o empreendedorismo, o cooperativismo, e promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais. Deve[m], ainda, orientar sua oferta formativa em benefício da **consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, a partir de mapeamento das potencialidades de desenvolvimento**

socioeconômico e cultural, em cada Instituto Federal. (OTRANTO, 2010, p.101, grifo nosso)

Dessa forma, é possível observar que as diretrizes em relação a atuação dos Institutos Federais de Educação não são apenas sobre o ensino, mas destacam também outros aspectos que são de grande importância na forma de trabalho destas entidades. No caso desta pesquisa, vale ressaltar o apontamento para o incentivo a produção cultural, assim como a valorização do potencial cultural do contexto local onde se estabelece. Desta forma, percebe-se os IFs como espaços de educação que englobam fatores que extrapolam a sala de aula.

Após essa breve contextualização da trajetória da educação de nível profissionalizante na estrutura federal do Brasil, onde foi destacado os principais marcos desse itinerário até chegar no que conhecemos hoje como Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, no próximo subcapítulo será apresentado e contextualizado o IFSul - Câmpus Sapucaia do Sul, o qual abriga o objeto de estudo desta pesquisa.

2.1 IFSul Câmpus Sapucaia do Sul: casa da Galeria Experimental

Para contextualizar o IFSul - Câmpus Sapucaia do Sul é necessário localizá-lo geograficamente e, nesse sentido, pensar sobre o município de Sapucaia do Sul. Segundo o site oficial da Prefeitura, o município faz parte da Região Metropolitana de Porto Alegre e está a 19 quilômetros da capital (figura 1). A partir de dados do ano de 2015, Sapucaia do Sul possui área de 58,309km² e população de 138.357 habitantes. Uma de suas características mais latentes é o seu desenvolvimento industrial, sua localidade auxilia neste processo, visto o seu fácil acesso para outros polos industriais (O PERFIL, s.d.).

Figura 1 - Mapa da região com área do município de Sapucaia do Sul destacada



Fonte: Google Maps, 2020.

Esse município abriga o IFSul - Câmpus Sapucaia do Sul, segundo seu site oficial, oferta educação básica, profissional e superior, assim como incentiva os pilares da pesquisa e da extensão (CÂMPUS SAPUCAIA, 2019). Suas atividades têm por objetivo contribuir com o avanço industrial, tal como, participar na valorização do desenvolvimento social. É uma instituição que possui uma infraestrutura completa, tanto no sentido físico, como no educacional, com equipe técnica e corpo docente capacitados e especializados. Possui uma área construída de 16.196,90 m² (figura 2), sua estrutura é pensada para atender as demandas dos cursos que oferta, visto isso, dispõe de biblioteca; auditório para 300 pessoas e miniauditório para 50 pessoas; quadras poliesportivas; cantina e espaços de convivência; seis laboratórios de informática, além de laboratórios de química, matemática e física, transformação de plásticos, reciclagem de plásticos, controle de qualidade, hidráulica e pneumática, metrologia e usinagens CNC (*Computer Numeric Controle*) e convencional; salas de aula; salas de desenho, de arte e de multimeios (Idem, 2019).

Figura 2 - Visão aérea do Câmpus Sapucaia do Sul no ano de 2019



Fonte: Página institucional no Facebook do Câmpus Sapucaia do Sul, 2019.

Mas para chegar na instituição que conhecemos hoje foi necessária uma longa trajetória de trabalho e empenho do seu quadro de pessoal, assim como de políticas que amparasse seu funcionamento e desenvolvimento. Segundo Rosa (2011) a unidade da Escola Técnica em Sapucaia do Sul começou a ser pensada entre os anos de 1985 e 1989, devido ao Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico. A partir deste foram apresentados projetos de municípios que teriam interesse de sediar uma Unidade de Ensino Descentralizada, as quais estariam ligadas a Escolas Técnicas Federais já estabelecidas.

Com isso, a Prefeitura de Sapucaia do Sul foi em busca de atender as medidas solicitadas pelo Ministério da Educação, que acabou por conquistar a doação para a Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel) de uma área com em torno de 40.000m² para que fosse destinada a construção de uma Unidade de Ensino Descentralizada no município. Este fato ocorreu no final do ano de 1986 a

partir da Lei Municipal nº 1.138. Porém, foi apenas no ano de 1992 que as obras tiveram seu início (ROSA, 2011).

Conforme Rosa (2011), em um primeiro momento se pensava essa instituição disponibilizando dois cursos técnicos, sendo eles de Eletromecânica e de Refrigeração e Ar condicionado. Mas este entendimento se alterou quando foram realizadas pesquisas de mercado na região e as temáticas destes cursos não se destacaram. Para a área empresarial que foi consultada, o assunto que ficou em evidência foi o plástico, devido as tipologias das indústrias da região.

Em 1993, o Ministério da Educação autorizou a ETEFPel iniciar os trabalhos na Unidade de Sapucaia do Sul, que no ano anterior já havia recebido, segundo meios legais, quadro docente e técnico administrativo, para que fosse possível a abertura de sua atuação. Porém, não houve essa efetivação, isso se deu por atrasos na construção do prédio (figura 3) que viria a abrigar a nova unidade. Esse obstáculo apenas cresceu causando ainda mais adiamento em suas atividades. Foi no ano de 1996 que as atividades se iniciaram e o prédio foi inaugurado (ROSA, 2011).

Figura 3 - Processo de construção da unidade de Sapucaia do Sul no ano de 1995



Fonte: Projeto Memórias Câmpus Sapucaia do Sul, 2020.

As aulas começaram no ano de 1996, porém o prédio ainda não tinha sua obra concluída, devido aos diversos problemas com a antiga construtora. Com isso, a matrícula inicial contou com 297 alunos, distribuídos nos três turnos. Diferente do que tinha sido planejado no plano pedagógico, o Curso Técnico oferecido era o de Plásticos. Essa decisão foi tomada devido a pedido e demanda do setor industrial de Sapucaia do Sul e dos municípios da região que se beneficiaram com estes profissionais (POSTEIRO, 1998).

Como explicitado anteriormente, no ano de 2008 houve a mudança dos CEFETs para Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Este movimento fez com que a Unidade de Ensino Descentralizada Sapucaia do Sul se tornasse Câmpus Sapucaia do Sul, ainda a partir da mesma ligação com a reitoria de Pelotas-RS (ROSA, 2011). Desde sua criação até os dias atuais este Câmpus apresentou diferentes configurações relacionadas a disponibilização dos cursos técnicos, mantendo as ofertas associadas às necessidades do contexto local.

No início de seu funcionamento o Câmpus disponibilizava o Curso Técnico em Plástico, pois foi o ponto de partida para que a instituição se estabelecesse. Porém, ao longo dos anos as ofertas foram se ampliando e diferentes cursos foram concedidos. Segundo levantamento em materiais de divulgação realizados pelo próprio Instituto, entre os cursos oferecidos estão o Ensino Médio regular, o Ensino Médio para Adultos, o Técnico em Transformação de Termoplásticos, o Técnico em Programação de Computadores, o Técnico em Gestão Cultural e o de Administração na modalidade Educação para Jovens e Adultos (EJA) (A INSTITUIÇÃO, 2006) (CURSOS, s.d.)

Segundo o mesmo levantamento, no nível superior estão o de Tecnologia em Gestão da Qualidade na Transformação de Polímeros; o de Tecnologia em Fabricação Mecânica para Ferramentaria; Gestão de Produção Industrial; Tecnologia em Gestão da Produção Industrial; Tecnologia em Polímeros com ênfase em Gestão da Qualidade. Na pós-graduação era ofertado o de Processamento em Polímeros Termoplásticos. Atualmente algum destes cursos permaneceram, outros se adaptaram, enquanto alguns não existem mais e novos foram acrescentados. (A INSTITUIÇÃO, 2006) (CURSOS, s.d.) (CAMPUS, s.d.). Hoje, conforme seu site, o IF Sul - Câmpus Sapucaia do Sul conta com Técnico em Eventos; Técnico em Informática; Técnico em Plásticos; Técnico em Mecânica; Técnico em Administração

EJA; Graduação em Engenharia Mecânica; Especialização em Educação; Especialização em Educação Física Escolar (CAMPUS SAPUCAIA, 2019).

Mas o destaque que se deseja fazer nesta pesquisa é em relação ao Curso Técnico em Gestão Cultural, pois como pode ser observado a partir da análise de cursos oferecidos ao longo de sua existência, este técnico em específico possui uma particularidade. Ele não está associado diretamente ao setor industrial e tem uma grande afinidade com as questões culturais e sociais. Segundo material de divulgação institucional, o curso foi criado a partir da percepção do crescimento do setor cultural, visando seu potencial de participar do desenvolvimento social (CAMPUS, s.d.).

Ainda com base em material de divulgação, o profissional formado neste curso estaria apto para a concepção, elaboração e execução de projetos socioculturais, para atuar nas esferas públicas, privadas e de organização social, com olhar crítico, global, estratégico. As disciplinas ofertadas no curso visavam capacitar o aluno para articular ações que visassem os laços identitários, a fim de promover a inclusão, preservar o patrimônio e a diversidade cultural das comunidades (CAMPUS, s.d.). Este curso técnico teve início em 2008 com duração de cinco anos. Em 2012 seu nome foi alterado para Técnico em Eventos e com isso vieram as mudanças também na grade curricular e nas características da formação.

A oferta deste curso técnico no município de Sapucaia do Sul vinha ao encontro da proposta dos Institutos Federais, onde um dos itens de seus objetivos está relacionado a potencializar as ações e produções culturais nas regiões das instituições. Isso se percebe ainda de forma mais clara quando se observa que a presença de espaços ou eventos culturais na cidade é pequena. Segundo o site oficial da prefeitura, quando se trata de turismo e lazer as oportunidades estão relacionadas, em sua maioria, com ambientes de riqueza natural, como parque zoológico, estação ecológica e praças. O portal nem mesmo cita a existência da Biblioteca Pública Municipal Euclides da Cunha e o Museu Histórico Municipal, o que pode retratar certo desinteresse institucional nesta temática (TURISMO E LAZER, s.d.).

Essa carência em relação a espaços e eventos relacionados a cultura e a memória é ainda maior quando se pensa sobre a arte no município. Não foi encontrado nenhum espaço que seja destinado especificamente à produção e fruição da arte, além do objeto desta pesquisa. O que reflete de alguma forma o que

a população de Sapucaia do Sul está tendo acesso quando se trata dessa temática. Desviando deste padrão, o projeto que esta pesquisa tem como objetivo evidenciar se torna então, uma ação fora da curva.

Além da Galeria Experimental, o IFSul conta com mais uma iniciativa cultural, o Projeto Memórias, este ligado a preservação da história da instituição. Esta ação consiste na busca, salvaguarda e comunicação dos bens históricos do Câmpus Sapucaia do Sul, por meio do levantamento, catalogação e digitalização do seu acervo. Este é composto por fotografias, vídeos, documentos, jornais, produção gráfica e outros materiais que possam auxiliar a traçar a vivência deste espaço desde sua criação em 1996 até a atualidade. O projeto visa garantir a preservação da memória da unidade e promover o acesso da comunidade a esses registros, a fim de fomentar a produção científica que possa utilizar o acervo como fonte e assim fortalecer a identidade da instituição (PROJETO MEMÓRIAS, s.d.).

Deste modo, o IFSul traz uma outra perspectiva sobre a arte e a cultura, principalmente, no que tange o incentivo e a valorização desta. Segundo Amaral (2016) mesmo que a educação técnica profissional esteja relacionada a reprodução e repetição, onde se percebe a educação de uma forma racional, as experiências artísticas têm o potencial de deslocar estas noções. No caso do IFSul - Câmpus Sapucaia do Sul a autora observa que os movimentos gerados a partir da arte neste espaço já vem produzindo efeitos no ambiente escolar, principalmente no que tange o aumento do interesse pela temática daquelas(es) que ali circulam (Idem, 2016).

Esse interesse e a disposição, tanto por parte das(os) docentes e funcionárias(os), quanto das(os) alunas(os), auxilia no processo de destaque do potencial que a conexão com a arte possibilita em relação a percepção de uma gama de perspectivas disponíveis sobre as mais variadas áreas de conhecimento inseridas neste ambiente escolar. Percebe-se no Câmpus Sapucaia do Sul que o movimento de aproximação com a arte aumenta uma vez que a possibilidade de contato com a ela se amplia, seja a partir da presença de exposições ou com as práticas artísticas (AMARAL, 2016).

Portanto, após essa breve descrição da conjuntura institucional e histórica do IFSul - Câmpus Sapucaia do Sul e do seu contexto local, no próximo subcapítulo será analisada de forma específica um dos projetos que esta instituição abriga, a Galeria Experimental. Esta que vem para proporcionar o acesso à arte, tanto para a

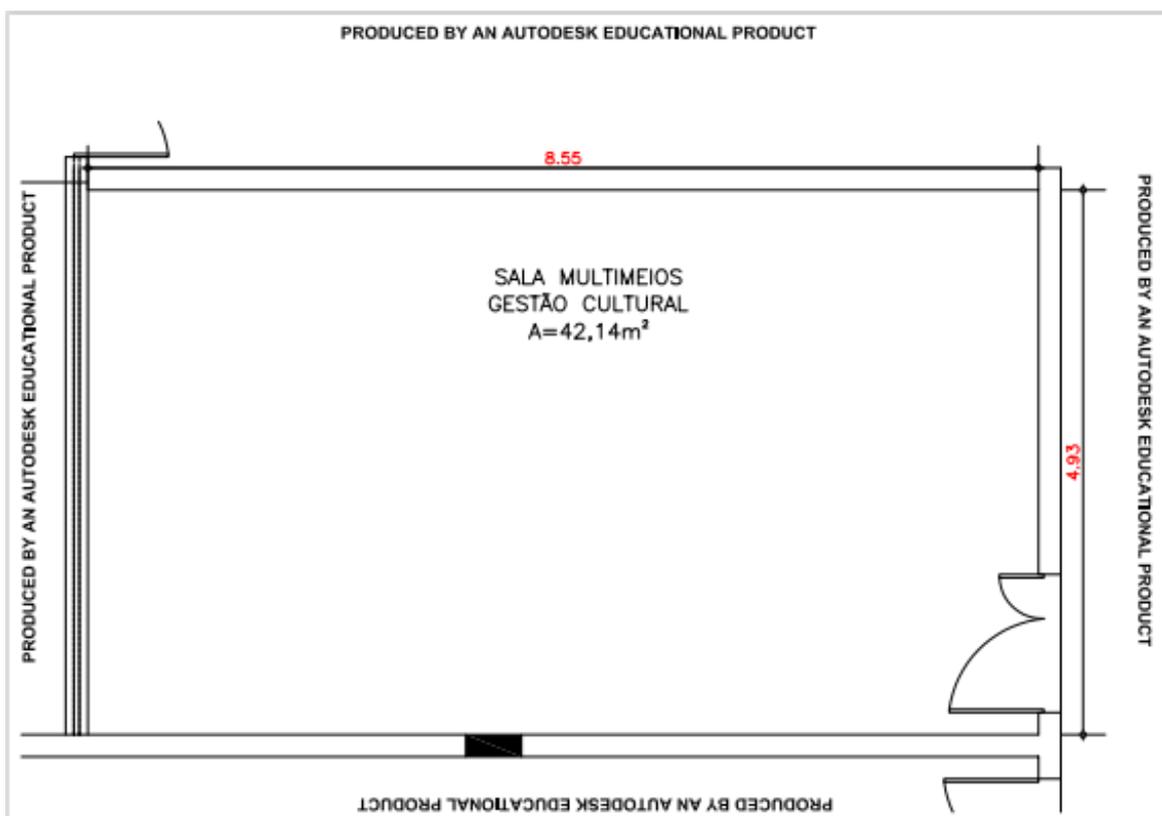
comunidade escolar, quanto para a população do município, que como observado anteriormente, não possui essa oportunidade em outros espaços na região.

2.2 Prazer, Galeria Experimental

Após essa apresentação do ambiente escolar e das questões institucionais do Câmpus Sapucaia do Sul é possível ter uma ideia do contexto em que a Galeria Experimental se insere. A partir daí já se tem um bom panorama para adentrar no trabalho da Galeria Experimental e começar a desenvolver e compreender sobre os processos que ocorrem neste ambiente.

Iniciando pela disposição do espaço, segundo a planta baixa (s.a.) esta sala tem um formato retangular. As duas paredes laterais possuem 8,55m de comprimento. A parede onde se encontra a porta de entrada tem 4,93m, assim como a parede ao fundo, porém esta é formada inteiramente por um conjunto de janelas. Dando ao espaço uma área total de 42, 14m² (figura 4). Ao longo das exposições este espaço se transforma e ganha novas cores, novas disposições.

Figura 4 - Planta baixa da Galeria experimental



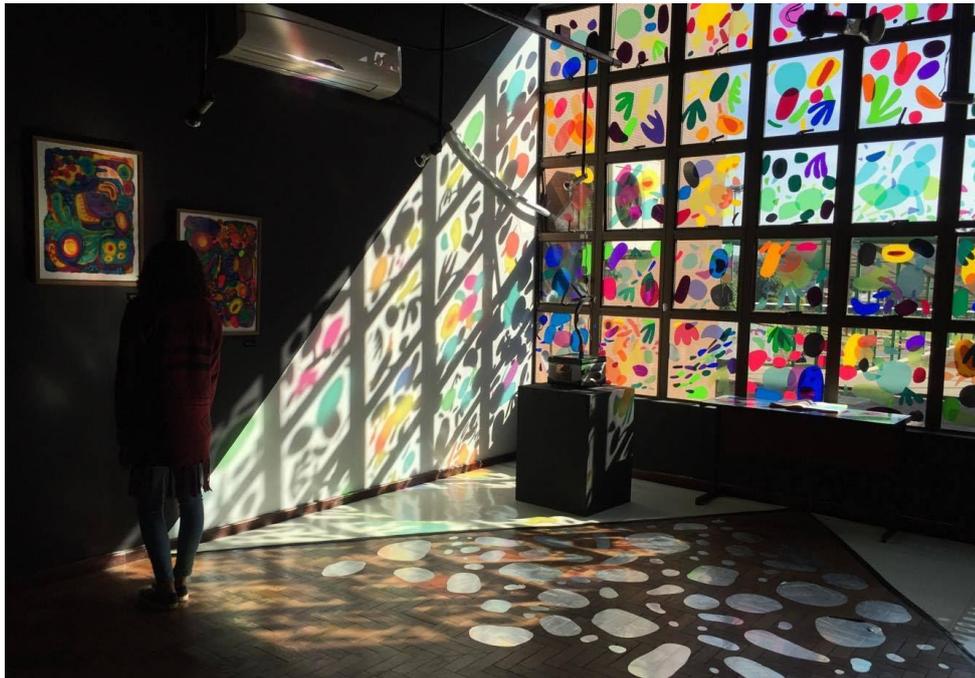
Fonte: Arquivo da Galeria Experimental, s.a.

Adentro nas questões de caracterização organizacional, conforme texto extraído do Formulário de Registro de Extensão, a Galeria Experimental consiste em

[...] [um] espaço de fomento à arte na interface escola-comunidade desde 2014, através de ações que contribuem para o empoderamento cultural, principalmente pelo sentimento de pertencimento cultural da comunidade de Sapucaia do Sul. A Galeria realiza exposições de artistas locais, envolve estudantes em processos de produção cultural e gestão do espaço para, através de parcerias formativas com escolas da região, receber estudantes da comunidade para apreciação artística e participação em oficinas (FORMULÁRIO DE REGISTRO DE EXTENSÃO, 201[8?] p.2).

A definição “A Galeria Experimental é uma sala de aula que virou um espaço de arte” (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d., doc. eletr.) é encontrada na primeira página de acesso do site institucional. Esta frase indica o itinerário histórico deste espaço, que inicialmente era uma sala de aula comum mas, que em 2013, teve uma virada em sua função. O espaço antes utilizado para a rotina de atividades escolares se tornou um cubo branco para receber exposições artísticas (figura 5). Nesta época ainda carregava seu antigo título “Sala Multimeios”, mas com a nova movimentação já se percebia que este cenário estava prestes a ser modificado de forma definitiva (Idem, s.d.).

Figura 5 - Exposição Chaine da artista Paula Plim em 2016



Fonte: Site Galeria Experimental, 2016.

Esta iniciativa está fortemente relacionada ao discurso da instituição que a recebe. Mesmo o IFSul estando dentro do prisma da educação técnica, desde que começou a ofertar também o ensino médio regular sua abordagem educacional recebeu algumas mudanças. Alguns anos após sua inauguração, onde anteriormente possuía um discurso tecnicista voltado unicamente para a formação profissional, se iniciou uma preocupação também com a construção cultural dos seus alunos. Era possível perceber esta particularidade a partir das diversas atividades em sala de aula e eventos produzidos no câmpus relacionados a arte e a cultura (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

A Galeria Experimental pode ser percebida como um dos efeitos dessa nova abordagem. Além desse contexto, a Galeria também se relaciona com o Curso Técnico em Gestão Cultural, criado no ano de 2008, hoje intitulado Curso Técnico em Eventos. Esta formação proporcionou uma imersão ainda maior na temática cultural nas ações institucionais. Esta relação se observa desde o início das atividades propostas pela Galeria. A primeira exposição produzida neste espaço, “De Varejão à Monet”, foi responsável por contar a experiência da saída de campo para o Rio de Janeiro e Minas Gerais no ano de 2012 com as(os) alunas(os) do

último ano deste curso técnico, com produção das professoras responsáveis e alunas(os) participantes (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Segundo depoimento da professora Stefanie Moreira (2020), essa característica cultural do IFSul está muito atrelada ao perfil das(os) professoras(es) na época da implantação do ensino médio regular. Esses possuíam um perfil da área das ciências humanas, ligados a cultura, com a vontade de subverter o modo tecnicista que é automaticamente atrelado a escolas técnicas. Com a oferta do curso de Gestão Cultural se percebeu a necessidade da criação de um laboratório para as experiências práticas. Então, ao longo dos anos, ele ocupou diferentes salas, sem ter muito uso, até chegar ao espaço que hoje a Galeria Experimental ocupa. Em conjunto as professoras Stefanie Moreira² e Bianca Ruskowski³ perceberam a necessidade de se pensar algum projeto naquela sala, sendo que o primeiro movimento foi a produção citada acima.

Conforme informações extraídas do site da Galeria Experimental, no mesmo ano, em 2013, aconteceram três exposições neste espaço. “Aquarela em si bemol” do artista David Garcia Neta, na época professor do IFSul, contou com a mescla entre linguagem visual e música. Já as outras duas que fecharam a programação do ano ocorreram a partir das impressões dos alunos de Gestão Cultural do último ano sobre significação e vivência da arte, material extraído em atividade da disciplina de Língua Inglesa. Estas exposições, assim como os alunos de Gestão Cultural, foram grandes influências para se pensar em um projeto maior e mais concreto (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Enquanto essas exposições estavam ocorrendo, a professora Stefanie Moreira provocou suas(eus) alunas(os) do terceiro ano, do curso de Gestão Cultural, a apresentar projetos de exposições para aquele espaço. De acordo com o seu depoimento (MOREIRA, 2020), o retorno da proposta foi muito positivo, onde evidenciou o engajamento das(os) alunas(os) e a disponibilidade das(os) artistas. Fato que incentivou a continuidade das produções artísticas. A partir daí, se

² Possui graduação em Letras - Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1998), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2005) e Doutorado em Educação (2011), também pela Unisinos, em que realizou período sanduíche no IHMC- Florida Institute for Human and Machine Cognition, nos EUA. Atualmente é professora de Língua portuguesa e Língua Inglesa do IFSUL - Campus Sapucaia do Sul.

³ Doutora em Sociologia com estágio sanduíche na Universidad Complutense de Madrid (2013-2018). Licenciada e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003-2009), Especialista em Educação a Distância (SENAC, 2008-2009), Mestre em Sociologia (PPGS-UFRGS, 2010-2012). Atualmente é professora de Sociologia do IFSUL - Campus Sapucaia do Sul.

percebeu a necessidade de criar um nome para o projeto, uma identidade visual, a fim de tornar a ideia mais concreta e ser possível o andamento das atividades.

Já no ano de 2014, este espaço reservado para atividades ligadas à arte recebeu o título de Galeria Experimental. A primeira ação realizada foi a intervenção “Pra você o que é arte?” de iniciativa das professoras coordenadoras e alunas(os) envolvidos no projeto. Esta contava com a interação das(os) estudantes, técnicos e professoras(es), a fim de que compartilhassem suas concepções sobre arte, através de registros nas paredes. A partir daí exposições e intervenções foram sendo montadas, mesmo com as dificuldades que o espaço possuía, quando ainda sua estrutura e organização não estavam totalmente finalizadas (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Figura 6 - Alunos da turma 4M de 2015 e professor Guilherme Reichwald na exposição



Fonte: Site Galeria Experimental, 2015

No ano de 2015 ocorreu uma intervenção diferenciada das exposições que vinham acontecendo ao longo de um ano e meio de funcionamento. “Galeria pra quê?” (figura 6) teve a intenção de mostrar brevemente as exposições que passaram por ali durante este período, evidenciado principalmente o trabalho de suas fundadoras, curadoras(es), monitoras(es) e equipe de manutenção do Câmpus

neste processo. Além disso, se tinha o interesse de compreender como a comunidade escolar estava reagindo a este espaço de arte, se avaliavam como importante ou não. Atualmente, a Galeria Experimental segue realizando seu trabalho em busca de ofertar uma programação cultural regular neste espaço escolar (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Quando se vai a fundo e analisa a trajetória histórica deste espaço se percebe com facilidade a presença das(os) alunas(os) como agentes ativos nesta produção e até mesmo como incentivadoras(es) da continuidade do projeto. Já nas primeiras exposições e intervenções que a Galeria recebeu, as(os) alunas(os) do Curso Técnico em Gestão Cultural/Eventos foram peça fundamental na idealização e produção. Até hoje esta característica permanece, visto que a equipe de trabalho da Galeria Experimental é composta em sua maioria de voluntárias(os) estudantes do IFSul (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Conforme as descrições da equipe (figura 7) no site institucional, no ano de 2019 a Galeria Experimental contou com as duas professoras gestoras do espaço, Stefanie Moreira e Bianca Ruskowski, que foram as responsáveis pela idealização e continuidade deste projeto. Além disso, compõe a equipe, uma estagiária já formada anteriormente em Eventos pelo IFSul e atualmente estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo, e mais 17 voluntárias(os) sendo nove delas(es) estudantes do Curso Técnico em Eventos, quatro do Técnico em Plásticos, dois do Técnico em Informática e uma do Técnico em Mecânica (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Figura 7 - Equipe da Galeria Experimental em 2019



Fonte: Acervo Galeria Experimental, 2019.

A partir desse dado observa-se que a Galeria Experimental possui maior ligação com as(os) alunas(os) do Curso Técnico em Eventos, isso pode ocorrer devido a proximidade com a área do saber. Desta forma, também é um espaço que procura se relacionar com as disciplinas ligadas à arte e a cultura e para facilitar esse diálogo, procura-se uma diversidade nas linguagens e nas temáticas trabalhadas nas exposições, a fim de possibilitar a associação com os diversos assuntos tratados em sala de aula (FORMULÁRIO DE REGISTRO DE EXTENSÃO, 201[8?]).

Segundo Plano de Trabalho do Aluno Bolsista de 2016, documento referente a demanda do projeto de extensão, as funções destinadas a essa tipologia de trabalho são as seguintes:

Ser colaborador nos processos de planejamento e execução dos projetos de exposição da Galeria desde sua concepção, convite e interlocução com artistas convidados, logística para trazer e devolver obras, até curadoria, monitoria, coordenação da parceria com as escolas e os processos de monitoria para exposições, bem como responsabilidade pelas dimensões de comunicação digital que a Galeria envolve (PLANO DE TRABALHO DO ALUNO BOLSISTA, 2016, doc. eletr.).

Visto isso, observa-se que o grupo de voluntárias(os) da Galeria Experimental se faz presente nas mais diversas atividades necessárias para o funcionamento deste espaço. É possível pensar nestes agentes inclusive como parte fundamental da rotina de trabalho, visto que são maioria e suas responsabilidades estão distribuídas por todas as fases de planejamento das exposições. Então, percebe-se que a presença das(os) alunas(os), que tiveram uma grande importância desde a abertura da GE, ainda permanece significativa e valorosa.

A partir daí, seguindo em relação a forma de trabalho da GE, com base nas informações coletadas no Formulário de Registro de Extensão (201[8?]), este é um espaço que visa contribuir no processo de democratização da arte. Isso se dá por meio da oferta e incentivo a apreciação da mesma pela comunidade local. Este resultado se busca alcançar a partir das parcerias com escolas da região, assim como, do oferecimento de um espaço que possibilita a fruição da produção de arte de artistas locais.

Mas de que forma esse objetivo pode ser alcançado nas práticas oferecidas por este espaço? Para compreender este processo é necessário adentrar no planejamento do mesmo. Conforme descrito no Plano de Trabalho do Estudante enviado para a Pró-reitoria de Extensão e Cultura (201[8?]), a Galeria Experimental realiza uma programação anual, esta se dá a partir do mapeamento de possibilidades de artistas locais por levantamento da equipe, assim como, por sugestão da comunidade escolar através de edital.

Ainda com base neste documento, o próximo passo realizado é a análise e seleção das(os) artistas que irão compor uma primeira versão da programação de exposições do ano vigente, sempre primando por critérios de avaliação que potencializam a democratização e a diversidade em relação às linguagens artísticas. O processo continua a partir do contato com as(os) artistas selecionadas(os) a fim de confirmar o interesse e a disponibilidade de realizar um trabalho de exposição na Galeria Experimental. Com estas informações definidas, é dado seguimento na organização e execução das atividades. No ano de 2018, data da proposição do documento utilizado como fonte, estavam previstas no mínimo oito exposições.

Com o levantamento dessas informações percebe-se que há uma grande preocupação em incentivar e exibir a produção dos artistas locais, mas além desta característica a Galeria Experimental dialoga com a comunidade de outras formas. Uma ação que intensifica essa relação é o fato da Galeria Experimental sempre ser

aberta à visitação do público externo. Neste sentido, busca-se também realizar parcerias com escolas da região, para visitação nas exposições e na participação de outros eventos ofertados neste espaço. É possível confirmar este interesse a partir de um dos seus objetivos específicos citado no Formulário de Registro de Extensão (201[8?], p.6): “Viabilizar a experiência estética de visita a espaço cultural a alunos da rede pública, os quais, em Sapucaia do Sul, dificilmente teriam esta oportunidade outra forma; [...]”.

Além destas exposições que são oferecidas ao longo do ano, a Galeria Experimental e sua equipe também estão envolvidas em outras atividades ligadas ao campo artístico no Câmpus Sapucaia do Sul, um dos exemplos é o “Encontro de Arte, Cultura e Cidadania” (figura 8). Esta é uma nova edição de um evento que já ocorreu no Instituto nos anos de 2003 e de 2005, o qual visa posicionar a produção artística no centro da rotina escolar. Um encontro que estimula tanto a formação de artistas na região, quanto fortalece o hábito da visitação do público, assim como amplia as experiências práticas das(os) alunas(os) no campo da produção cultural (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Figura 8 - Oficina de teatro durante o IV Encontro de Arte, Cultura e Cidadania



Fonte: Site Galeria Experimental, 2019.

Atualmente foram realizadas duas edições, o III e o IV Encontro de Arte Cultura e Cidadania, nos anos de 2018 e 2019, respectivamente. Na terceira edição o artista homenageado foi Moacir Becker, devido sua contribuição para a cena artística do município de Sapucaia do Sul. Além disso, contou com a exposição de 44 obras de jovens artistas da Região Metropolitana de Porto Alegre, dentre as quais foram selecionadas, através de votação técnica e do público, 13 destaques para participar de uma exposição coletiva no espaço da Galeria Experimental. Já a quarta edição trouxe a temática “(r)existência - da arte, da cultura, de artistas, de JOVENS artistas”. Desta vez com a exibição de 72 obras e com a artista Silva Rodrigues como homenageada, visto sua (r)existência por meio da arte. A mesma metodologia foi utilizada e foram selecionados 12 jovens artistas para comporem uma exposição coletiva na Galeria Experimental. Nestas edições também foram oferecidas oficinas de dança, de teatro (figura 8), apresentações musicais, entre outras atividades (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Segundo o site da Galeria Experimental, outras ações também são disponibilizadas como o “Puxa Papo”, que consiste em uma roda de conversa com

a(o) artista da exposição em andamento, onde as(os) participantes são convidadas(os) a contribuir com perguntas das mais diversas temáticas, tanto sobre a vida pessoal da(o) artista, como em relação ao seu trabalho e processo de criação. Neste formato já ocorreram dois encontros, com os artistas Silvia Rodrigues e Pablito Aguiar (figura 9), as duas no ano de 2019 (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Figura 9 - Puxa Papo com Pablito Aguiar



Fonte: Site Galeria Experimental, 2019

Outra ação da Galeria Experimental que demonstrou que se pode ir além dos limites do espaço territorial do Câmpus Sapucaia do Sul foi a exposição “Histeria” (figura 10). Segundo notícia divulgada no site da Galeria Experimental, esta ocorreu no ano de 2016, mas em 2019 ganhou novo palco, na Faculdade EST durante o VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. Se caracteriza como uma exposição que trabalha com o tema da cultura do estupro. Esta ideia surgiu a partir da preocupação em discutir e trazer em evidência a temática, visto o acontecimento do caso de estupro coletivo em maio de 2016 no Rio de Janeiro, quando 33 homens violaram sexualmente uma jovem de 16 anos (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Figura 10 - Exposição Histeria na Faculdade EST



Fonte: Site da Galeria Experimental, 2019.

Desta forma percebe-se o papel que este espaço possui nessa região e o trabalho que tem sido realizado para aproximar essa comunidade da arte, tanto na questão da produção da mesma, como na observação e fruição. Assim como já citado no subcapítulo anterior, a região onde se encontra a Galeria Experimental possui um pequeno número de espaços onde ações artísticas têm voz e sejam o objetivo. Inclusive este é um dos argumentos utilizados para fortalecer a permanência do trabalho realizado, até mesmo nos projetos institucionais esta constatação aparece com frequência, devido a importância de se pensar o acesso a arte pelos mais diversos públicos.

Da mesma maneira, como justificativa para a manutenção e permanência deste trabalho, se utiliza do argumento da qualificação na formação das(os) alunas(o)s que participam como agentes ativos na produção da Galeria Experimental:

As exposições são experiências formativas para alunos do curso, os quais são responsáveis pela curadoria e manutenção das exposições e do espaço em si. Neste sentido, a experiência da Galeria Experimental constitui-se, desta forma, também em uma experiência significativa pela vivência de aprendizagem em produção cultural para os envolvidos (FORMULÁRIO DE REGISTRO DE EXTENSÃO, 201[8?], p.5)

Assim, compreende-se o porquê deste espaço ter sido pensado por suas idealizadoras no início de sua trajetória e continuar tendo apelo por sua resistência dentro deste espaço escolar. Portanto, se vê a potencialidade da Galeria Experimental como um diferencial nesta região, assim como uma ferramenta no processo de ensino das(os) alunas(os). Identifica-se essas características não apenas por resultados imediatos como número de visitantes ou de participantes dos eventos e oficinas, mas também pelos efeitos que podem ser gerados a longo prazo.

Então, após essa apresentação do que é e compõe a Galeria Experimental, no próximo capítulo ela será analisada de forma mais reflexiva, enquanto processo mediador. Assim, serão utilizados os conceitos de Fato Museal, Educação Dialógica, Política e Ação Cultural, cruzando com as ações desenvolvidas neste espaço a fim de refletir como as teorias e as práticas se relacionam dentro deste discurso.

3 GALERIA EXPERIMENTAL SOB A ÓTICA MUSEAL: iniciativas, desafios e impacto social na perspectiva museológica

Para analisar a Galeria Experimental como espaço fomentador de arte e cultura na região, neste capítulo serão utilizados os resultados das metodologias aplicadas, relacionados aos referenciais teóricos do campo da Museologia, da educação e da política cultural. Para isso serão discutidos os conceitos de fato museal, experiência museológica, museu conceito, educação dialógica e ação cultural a fim de evidenciar as diferentes formas que a Galeria Experimental se aproxima da Museologia e que se caracteriza como espaço de resistência artística na região.

Para iniciar a discussão é importante delimitar a noção de museu institucionalizado que conhecemos. Nesse sentido, no Brasil, o museu se identifica legalmente como

[...] as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009, doc. eletr.).

Se colocarmos esta definição em comparação ao que já foi apresentado sobre a atuação da Galeria Experimental é perceptível que não são muitas as semelhanças entre elas. Visto isso, é importante destacar que a intenção desta pesquisa não é tentar enquadrar a Galeria Experimental nesta noção de museu, mas procurar pontos e circunstâncias de intersecção entre o trabalho realizado neste espaço e a Museologia Social que propõe diferentes perspectivas analisando o contexto social que estamos inseridos.

Nesse novo paradigma, o museu passa a estar mais atento para as experiências relacionais, do que para sua coleção. A valorização está mais na sociedade e nas interações humanas com os objetos e os meios que estes se encontram, do que ele em si. Então, nesta noção o museu está orientado para a sociedade, não unicamente para os objetos (BRULON, 2012). A partir dessa colocação, se inicia a aproximação da Galeria Experimental com o campo museal,

percebendo-a como espaço de mediação, onde se torna um intermediário entre a arte e o público, visando alcançar um público diverso. Essa natureza pode ser percebida no depoimento da voluntária 08:

[...] o espaço da galeria e seus eventos/atos servem de uma maneira ótima para trazer arte na rotina de quaisquer pessoas que frequentam o campus. Além de trazer a arte como algo possível e popular, trabalhando no difícil processo de deselitizar o meio artístico e os espaços que ocupa (2020, doc. eletr.).

Essa característica relacional dos museus e da Museologia já tinha sido pensada por Waldisa Rússio Guarnieri. A pesquisadora afirma que o objeto principal da Museologia é o fato museal, o qual pode ser conceituado como a relação profunda entre o homem e o objeto. O homem percebe esse objeto a partir dos seus cinco sentidos. Essa relação não depende apenas do fator comunicacional das características do objeto, mas também do espaço do museu como responsável da troca museológica. Esse museu pode se expressar por diversas concepções, ser tanto o museu tradicional, quanto os ecomuseus ou museus comunitários (GUARNIERI, [1981] 2010).

Definições como a de Guarnieri ([1981] 2010) priorizam as relações sociais que envolvem coisas e pessoas em todos os seus aspectos e, nessa perspectiva, é possível pensar o museu como um processo, ou seja, espaço de transformação, em que transforma e é transformado. Tereza Scheiner compreende o museu também como fenômeno:

O reconhecimento do caráter fenomênico do Museu remete à possibilidade de percebê-lo através da experiência de mundo de cada indivíduo – por meio das múltiplas e complexas relações que cada ator ou conjunto de atores sociais estabelece com o Real complexo (SCHEINER, 2002, p.96).

Apoiado nesta noção, percebe-se o museu não necessariamente como instituição, mas por seu caráter fenomênico e sua diversidade. Ainda evidencia seu potencial para além da representação onde torna-se possível analisá-lo a partir do viés de um espaço que propõe a criação de sentidos e por meio deles compõe sua narrativa. Para este exercício, a exposição é utilizada como principal meio de circulação para o público (SCHEINER, 2002).

De acordo com Waldisa Guarnieri ([1986] 2010), a exposição é a circunstância que permite a prática do fato museal, propondo a relação indivíduo-objeto. É a partir dela também que se propõe coletivizar o conhecimento, transmitir mensagens, oportunizar leituras da realidade. Pelo fato de uma exposição ser um discurso, tem a capacidade de assumir diferentes características. Inclusive de se tornar linguagem e ser uma expressão da realidade. Por este fato, não são neutras e carregam diversos sentidos presentes tanto nos objetos, quanto por aqueles que decidem quais serão apresentados.

Para além, exposições museológicas não são somente exposições, mas um espaço de diálogo que tem a intenção de disponibilizar uma experiência duradoura. Pois nesta noção o museu não está no espaço concreto onde o foco está na existência, mas se forma a partir das relações, no momento em que o exposto age e influi no corpo e alma do público (SCHEINER, 2002).

De acordo com Brulon (2012), ao longo das transformações que trouxeram novas perspectivas na Museologia se amplia o entendimento sobre a importância das relações do museu com o seu público de destino. Neste entendimento as coleções de objetos perdem seu papel principal e são colocadas em segundo plano, e a atenção migra para os indivíduos. Desta forma seu foco principal passa a ser as experiências humanas geradas e as trocas concebidas. Com isso, a capacidade de produzir experiência se sobressai a de confirmar verdades absolutas então, se percebe a necessidade de conhecer mais seus usuários do que seu conteúdo.

Analisando o trabalho da Galeria Experimental por meio das falas dos diferentes agentes que participaram desta pesquisa, percebe-se que as exposições propostas neste espaço seguem alguns destes pressupostos museológicos. Em depoimento é citado pelas(os) alunas(os) do IFSul (GALERIA PRA QUÊ?, 2015) que este ambiente possibilita o aprendizado, a imaginação, o ato de sonhar. Além disso, destacam o fato do incentivo ao questionamento e as reflexões.

Nesta noção se pensa o museu como um espaço crítico, mais gerador de perguntas do que de respostas. É também o momento que começa a se praticar um diálogo mais amplo, e se desviar de uma posição elitista muito difundida quando se pensava em museus no passado. Nesta ideia, a vivência por ele proporcionada, onde promove a conexão entre humano e real, nunca necessitou da noção de instituição museu, para ser e existir (BRULON, 2012).

No início de 2015 houve a possibilidade de fechamento e paralisação das ações da Galeria Experimental, devido ao motivo de não ter sido aprovada como um projeto de extensão e por não haver um amplo incentivo institucional. Como já apresentado anteriormente, este movimento gerou uma exposição chamada “Galeria pra quê?” que veio junto a uma produção visual com fotos das exposições e depoimentos das(os) alunas(os) sobre a relevância do trabalho ali realizado:

Um espaço desses dentro de uma instituição de ensino é algo magnífico, porque faz com que a gente vá além do livro, além da fala, faz com que a gente viaje na emoção, que a gente transforme tudo em sentimento, que a gente aproveite realmente a educação, porque entender a expressão do outro, apreciar a expressão do outro, isto também é ser educado, isso também é construir conhecimento (GALERIA PRA QUÊ?, 2015, 11:03-11:33).

Essa colocação está em consonância com Scheiner (2002), que afirma que é no contexto afetivo que a comunicação ocorre. Neste processo a mente e corpo se movem na mesma direção a fim de gerar espaço para novos conhecimentos, novas perspectivas e vivências. A comunicação só se dá com efeito quando há o intermédio entre a emoção e a informação. E a partir daí gera conhecimento que parte dos dados, mescla com as ações e se converte em experiência.

No que diz respeito a isso, a professora Bianca Ruskowski, uma das gestoras da Galeria Experimental até 2019, a considera um espaço de memória em relação a formação dos estudantes do IFSul Câmpus Sapucaia do Sul. Inclusive destaca uma característica interessante de se apontar, que muitos alunos acabam por desenvolver o costume da apreciação da arte, mas além disso, ressalta a influência deste espaço na escolha do seguimento dos alunos em áreas profissionais e de formação afins.

Outra dimensão a ser destacada nas produções da Galeria Experimental é a contemporaneidade das temáticas discutidas nas exposições, que além de atuais conversam com questões que fazem parte do universo de vivência de estudantes. Exemplos dessa característica são as exposições Histeria (2016) e Guilherme Irish (2016), que tratam da violência sexual e do movimento estudantil, respectivamente. Essa dinâmica pode inclusive auxiliar na aproximação com o público.

Sobre isso, a professora Stefanie Moreira (2020, doc. eletr.) expõe que no momento de procura sobre temas e artistas que possam apresentar seu trabalho na Galeria Experimental, se reflete sobre o momento que se está passando “[...] é hora

de quê? por exemplo, é hora de exposições de mulheres, é hora de trazer a questão dos negros, às vezes o ambiente escolar nos sinaliza a hora do que que é [...].”

Em relação a esta perspectiva Scheiner (2002) afirma que uma exposição é uma ferramenta para o argumento cultural e sua característica de persuasão está no uso de suas diversas linguagens, criando em conjunto com o seu público narrativas com identidade. Além disso, Guarnieri ([1986] 2010) aponta que não se trata de escolhas e discursos neutros, mas de escolhas que carregam significados e intenções. A exposição declara, comunica, registra e indaga, tem o potencial de estabelecer e subverter. A linguagem museológica proporciona “[...] dizer o que é impossível explicitar nos tempos de cólera e opressão;” (Ibidem, p.142).

O aspecto pedagógico do museu não se dá por meio dos procedimentos didáticos formais, mas pelo movimento espontâneo de uma relação que conversa com a habilidade imaginante do visitante e com as diversas mensagens apresentadas em uma exposição. O museu é também um ambiente de formação, que está aberto para provocar ações de aprendizagem. Para isso é necessário buscar a interlocução com o visitante (SCHEINER, 2002). Podemos ir além e pensar esse diálogo com os variados agentes envolvidos em uma exposição.

Segundo Scheiner (2002), as exposições são uma ferramenta relacional com grande potência mediática, que além de provocar a junção entre pessoas e objetos, sobretudo, têm a habilidade de associar pessoas e pessoas. Todas aquelas que são, de alguma forma, agentes deste espaço expográfico, as pessoas ligadas à produção do objeto, as que conceberam a exposição, as que mantêm o contato com o público, as que visitam os espaços museais, as que não se fazem presentes nos museus, mas que se manifestam sobre eles.

Para além, Varine (2000) aborda sobre uma “Museologia da Libertação”, que conversa com as ideias de Paulo Freire. O autor (VARINE, 2020) a caracteriza como um processo dinâmico com fundamento comunitário, que busca três objetivos de “libertação”. O primeiro, relacionado a consciência, iniciativa e criatividade. O segundo sobre a capacidade de observação e domínio das mudanças. E o último associado a comunicação social. Nesta noção, se observa o museu como um processo parte da estrutura social, econômica e educativa.

A partir destes pensamentos é possível mesclar as noções museológicas com as da educação e realizar o exercício de reflexão sobre como a Galeria Experimental se torna, além de estimulador da fruição da arte, um ambiente onde se aplica a

noção de educação dialógica que Paulo Freire, patrono da educação brasileira, elabora: “A educação autêntica, repitamos, não se faz A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões e pontos de vista sobre ele” (FREIRE, 2019, p.61).

É possível perceber essa característica educativa da Galeria Experimental antes mesmo dela existir. Logo, quando se pensou na proposta da existência desse espaço, uma das motivações e justificativa para esse trabalho era a de possibilitar mais uma experiência prática às(aos) alunas(os) em relação às produções culturais. Como podemos observar na fala da professora Bianca Ruskowski:

A ideia surgiu da necessidade de termos um laboratório criativo no campus para que as e os estudantes de Gestão Cultural/Eventos pudessem desenvolver ideias, produzir ações culturais e praticar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas (2020, doc. eletr.).

Esse diálogo da Galeria Experimental com Paulo Freire é evidenciado ainda mais explicitamente pela fala da professora Stefanie Moreira (2020), onde afirma que o trabalho da Galeria se baseia na visão Freiriana de que é necessário a inclusão da noção de sociedade no fazer pedagógico. Assim como declara que as decisões curatoriais durante a produção, em relação a escolha dos temas e artistas, são voltadas para a busca de uma transformação social.

É perceptível a aplicação desta ideia também quando analisadas as respostas das(os) voluntárias(os) principalmente quando descrito o processo de criação, planejamento e prática das exposições. O constante uso da 1ª pessoa do plural da língua brasileira, nós, no detalhamento das atividades foi uma das indicações que este processo se baseia no diálogo horizontal:

Na grande maioria das vezes fui de uma forma muito leve a ideia de alguma nova exposição. Pode fluir algo em uma conversa aleatória sobre qualquer coisa, e as administradoras deixam a nossa mente andar tanto e nos ajudam a dar asas pra qualquer ideia que eu, particularmente, me sinto na liberdade de falar qualquer coisa que eu ache interessante e as vezes isso se transforma em algo muito legal. Porém, para organizar uma exposição, que é quando somos lembrados de que apesar de ser voluntário, a galeria ainda é um trabalho, tudo precisa ter suas regras e limites, apesar de não ser tão restrito quanto as minhas palavras podem dar a entender. Quando seguimos essas regras e respeitamos os limites, conseguimos dar uma ideia ótima para alguma exposição, então ocorrem reuniões para dar mais "corpo" para esse trabalho, vamos atrás do(s) artista(s) em questão, e colocamos os materiais de produção tudo dentro de um orçamento possível, sendo que o material principal vem do próprio artista, logo, essa parte é gratuita. Fazemos artes

para divulgação, chamamos o(s) próprio(s) artista(s) para conversar com os voluntários e termos uma ideia do que ele quer, para que seu trabalho seja devidamente respeitado, e assim vai indo (VOLUNTÁRIA 06, 2020, doc. eletr.).

Segundo Freire (2019), uma formação libertadora deve prezar e ter como foco a independência dos indivíduos no seu processo de pensar. Para que haja a reflexão e discussão de seus posicionamentos e se sinta à vontade e com confiança de expressar suas ideias e sugestões. Ainda evidencia que na ação dialógica é necessário se desprender do entendimento de estar “sobre” e mudar sua disposição para “com”, que carrega a marca do companheirismo.

Na produção audiovisual “Galeria pra quê?” (2015) uma aluna evidenciou a capacidade da Galeria Experimental em transformar o espaço escolar, incentivando o exercício da reflexão sobre arte e cultura. Destacou também a importância da Galeria para a formação escolar, assim como indivíduo cidadão. Outro aspecto apontado por outra estudante foi a habilidade deste ambiente em proporcionar o desenvolvimento crítico e provocar novos conhecimentos e reflexões.

Além das descrições das(os) estudantes, esse caráter colaborativo das exposições organizadas pela Galeria Experimental é também reforçado pelas falas das(os) artistas. Nelas se percebe o destaque para essa diferença da participação das(os) alunas(os) quando comparada às suas exposições em outros espaços. É importante ressaltar também que foram apontadas diferentes atividades que obtiveram o auxílio das(os) voluntárias(os) como planejamento, montagem, divulgação, disposição das obras.

Considera-se significativo salientar que a maioria das(os) voluntárias(os) são oriundas(os) do curso de Técnico em Eventos, mas também há a participação de outros cursos como Técnico em Informática, em Plástico e Graduação em Engenharia Mecânica. Mesmo as ações culturais não fazendo parte de sua formação técnica, foram apontados nas respostas dos questionários os diferentes aprendizados que o tempo de trabalho na Galeria Experimental possibilitou:

Eu não vejo muita semelhança com o curso de plásticos, mas com certeza é um complemento pra vida, você aprende muitas coisas lá dentro que podem ser aplicadas em qualquer emprego futuro...trabalhar em equipe, processos de organização, como projetar eventos e como lidar com o público (VOLUNTÁRIA 03, 2020, doc. eletr.).

Percebe-se que mesmo o IFSul Câmpus Sapucaia do Sul sendo uma instituição escolar destinada à formação educacional do ensino médio e técnico, se observa uma preocupação e valorização das(os) próprias(os) alunas(os) em relação a outros aspectos que permeiam sua educação formal. As experiências citadas em maior número estão ligadas às habilidades do trabalho em grupo, a comunicação e destreza necessária para lidar com o público, além do conhecimento das etapas de uma produção cultural.

Essas colocações vão ao encontro do que afirma Freire (2019), onde expõe que a formação técnico-científica não exclui ou se posiciona contra a educação humanista, mas que a ciência e a tecnologia necessitam se colocar a serviço de sua emancipação constantemente, de sua humanização. Portanto, compreende-se que o IFSul Campus Sapucaia do Sul tem desenvolvido exercícios e promovido projetos que incentivam essa prática. E a Galeria Experimental é um grande exemplo de uma ação que move as estruturas de uma “educação bancária” e caminha para a direção da “educação dialógica”.

Sobre este processo participativo é possível afirmar que ele não é percebido apenas por aqueles que fazem parte da equipe ou que vivenciam a Galeria Experimental em sua rotina. Essa característica de um espaço de formação dialógica também é explícito pelos agentes externos que colaboram de alguma forma com as atividades oferecidas, com isso destaca-se a fala de uma das artistas que teve seu trabalho exposto:

Posso destacar o processo todo como amplamente participativo e preocupado com a mediação democrática do que seria exposto. Destaco ainda o modo como a exposição disparou processos de formação humanista e crítica com xs studentxs, graças à arquitetura pedagógica que conecta a galeria às salas de aula, que toma a galeria como espaço de formação (ARTISTA 01, 2020, doc. eletr.).

Conforme Freire (2019), quando se trata de colocar em prática a teoria dialógica, não há relação de dominação. O que se faz presente no processo é o encontro dos sujeitos para a articulação de ideias, para a transformação do estabelecido. Mesmo quando se pensa em organização, neste contexto, ela não deve existir por meio do uso autoritário de imposições, pois deve-se prezar pela liberdade.

A ideia desta pesquisa não está em romantizar as relações de produção da Galeria Experimental. Com isso, se destaca a fala da professora Stefanie Moreira (2020), onde afirma que há uma grande procura por parte das(os) alunas(os) em ser voluntária(o) e que a ideia é que todas(os) participem de todas as etapas de trabalho. Porém, ela identifica pouca participação das(os) alunas(os) nas etapas iniciais de concepção do tema e da curadoria, situação que vai se transformando gradativamente ao longo do processo. Isto acaba direcionando as primeiras decisões para as professoras e estagiária, o que de alguma forma vai ao encontro de uma hierarquia mais tradicional. Nesta noção se percebe que há também dificuldade para as(os) alunas(os) em quebrar a barreira da educação bancária.

Observa-se que as produções das exposições da Galeria Experimental vão além do resultado final e da fruição da arte para o público visitante. Porém, este espaço também se coloca como fração importante do processo de formação daqueles que participam das diversas etapas que abrangem uma produção expográfica. Dessa forma, a partir das participações nos questionários, por parte das(os) voluntárias(os) e das(os) artistas, e das aproximações teóricas é possível identificar pontos de encontro entre as ações da Galeria Experimental e a noção de educação dialógica de Paulo Freire.

Esses diferentes olhares para o espaço só são possíveis pela diversidade de ações, de resultados e de frutos que o trabalho da equipe da Galeria Experimental proporciona para o IFSul Câmpus Sapucaia do Sul e para todos aqueles que são atingidos pelas produções culturais ali organizadas e oferecidas. Já apresentados os dois primeiros pontos de vista, seguimos para a próxima perspectiva, agora relacionando a Galeria Experimental com o conceito de política cultural e as noções que permeiam esta ideia.

Como já abordado no capítulo anterior, uma das responsabilidades dos Institutos Federais é a de incentivar a pesquisa aplicada a produção cultural e ofertar em sua formação oportunidades que estabeleçam e fortaleçam as ações culturais locais, se atentando ao potencial de progresso cultural (OTRANTO, 2010). Nesse sentido percebe-se o próprio IFSul como uma instituição que prevê em sua legislação a necessidade de executar práticas culturais, firmando seu compromisso com esse aspecto da educação.

Sobre o conceito de política cultural Nestor García Canclini (2001) afirma:

Los estudios recientes tienden a incluir bajo este concepto al conjunto de intervenciones realizadas por el estado, las instituciones civiles y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o de transformación social. [...] la función principal de la política cultural no es afirmar identidades o dar elementos a los miembros de una cultura para que la idealicen, sino para que sean capaces de aprovechar la heterogeneidad y la variedad de mensajes disponibles y convivir con los otros (Ibidem, p.65).

A política cultural tem como propósito a investigação dos diversos tipos de proposição, a coordenação das ações, bem como análise dos sentidos destas nos variados contextos que se fazem presentes. Ela pode ser dividida em dois tipos, o primeiro relacionado as diretrizes jurídicas, para o Estado, ou aos procedimentos tipificados para os outros agentes envolvidos que são responsáveis por relacionar os sujeitos com os objetos culturais. O segundo tipo é o de intervenções diretas de ação cultural, construção de pontos de cultura é um exemplo desta tipologia (COELHO NETO, 1997). Com os apontamentos já realizados até esse momento, é possível perceber que a Galeria Experimental se aproxima deste segundo tipo, o que nos faz olhar mais precisamente para o conceito de ação cultural.

O verbete 'ação cultural' do Dicionário Crítico de Política Cultural, é classificado como:

Conjunto de procedimentos, envolvendo recursos humanos e materiais, que visam pôr em prática os objetivos de uma determinada política cultural. Para efetivar-se, a ação cultural recorre a agentes culturais previamente preparados e leva em conta públicos determinados, procurando fazer uma ponte entre esse público e uma obra de cultura ou arte (COELHO NETO, 1997, p.31).

Assim, a Galeria Experimental pode ser observada como uma ação de política cultural, onde um determinado grupo decide organizar um espaço e, além disso, estruturar ações que vão ao encontro das necessidades de determinada região. No caso deste projeto, levar a produção e a apreciação da arte para uma localidade periférica no sentido de desenvolvimento social, mas também se analisado sob o ponto de vista das questões de fomento cultural e artístico.

Percebe-se a ideia de suprir essa lacuna já quando surgiu a ideia de abrir a Galeria Experimental, como é perceptível pelo depoimento da professora Bianca Ruskowski:

[...] por entendermos que a cidade de Sapucaia estava sem nenhum tipo de equipamento cultural do tipo, já que o Museu municipal havia fechado. A demanda por incentivar a produção cultural por parte das/dos estudantes, de ofertar um espaço de exposição à artistas da região e de fomentar a formação de público para o consumo desse tipo de atividade artística visto que diariamente temos uma circulação de mais de mil pessoas no campus fez o projeto surgir (2020, doc. eletr.).

De acordo com Freire (2019), toda ação cultural trabalha para atingir de alguma forma a estrutura social, tanto no sentido de preservar como é, quanto no de modificar. Ela pode ter o objetivo da dominação ou da libertação dos indivíduos. Especificamente, a ação cultural dialógica consiste no processo de superar o não compromisso entre as classes sociais, de ultrapassar os obstáculos que impedem a libertação e transformação da realidade e de sua estrutura.

Como já expresse anteriormente, na localidade onde se encontra a Galeria Experimental, município de Sapucaia do Sul, em um levantamento realizado, não foram encontrados espaços culturais destinados a produção e propagação da arte. Então, além da importância do trabalho da Galeria por si só, a necessidade do prosseguimento destas atividades também está relacionada com escassez desta tipologia de proposta cultural na região.

Em 2015 já se percebia essa necessidade, tanto por parte das(os) alunas(os) como das(os) artistas. Em relação a isso, no vídeo “Galeria pra quê?” (2015) é exposto que este espaço se torna um referencial para compreender a riqueza da produção artística local. Foi apresentado também que a GE se tornou uma ponte de conexão com a região do Vale dos Sinos-RS. Assim como foi colocado que as exposições possibilitaram o conhecimento de artistas desconhecidos da região.

Quando questionado sobre esta temática às(aos) artistas, foram obtidos diferentes posicionamentos. Foi destacada a importância da existência do espaço para facilitar o acesso de um público que não possui o costume do contato com arte. Evidenciaram que é uma relação fraca e que necessita de um maior fomento por parte da comunidade. Assim como, foi frisado que o fato da Galeria Experimental se encontrar dentro de uma instituição escolar restringe o acesso da comunidade externa e que é necessário mais incentivo por parte da Prefeitura Municipal e da mídia.

Uma das respostas chamou a atenção por sua diferença com as anteriores, em relação a sua localização a artista afirma que “[...] muito afastado, difícil acesso para as pessoas com quem me relaciono, que são na maioria de POA” (ARTISTA

05, 2020, doc. eletr.). Essa colocação pode nos fazer refletir sobre a realidade dos moradores da região, onde a maioria dos espaços culturais e de arte se encontram “muito afastados”. E que para acessar este ambiente cultural, localizado em Porto Alegre e concentrado no Centro Histórico, é necessário um longo tempo e percurso e muitas vezes dois ou mais transportes públicos.

Adentrando nas tipologias de ação cultural, nos deparamos com a de distribuição. Neste tipo, as ações estão voltadas a gerar as condições necessárias para que as produções culturais ou artísticas consigam fazer parte do sistema de circulação que dá a possibilidade do acesso a espaços públicos de exibição (COELHO NETO, 1997). Desta maneira é possível fazer a relação com a função principal do trabalho da Galeria Experimental, ser um espaço de fruição de arte dentro de uma escola, onde há uma vasta diversidade de grupos e classes sociais, possibilitando a criação de relações entre o público e o exposto.

Em relação ao público visitante da Galeria Experimental, naturalmente é de sua maioria a comunidade escolar, que tem este espaço como já presente em sua rotina. Quando questionado as(aos) voluntárias(os), que são as(os) agentes que mais possuem relação com as(os) visitantes, em relação ao diálogo com o público externo, em sua maioria mencionaram a visita de grupos escolares como principais visitantes externos e também houve a menção da participação em eventos que são abertos, que acabam abrangendo um público mais diverso. Inclusive uma das voluntárias se interessou por atuar na Galeria antes mesmo de ser aluna:

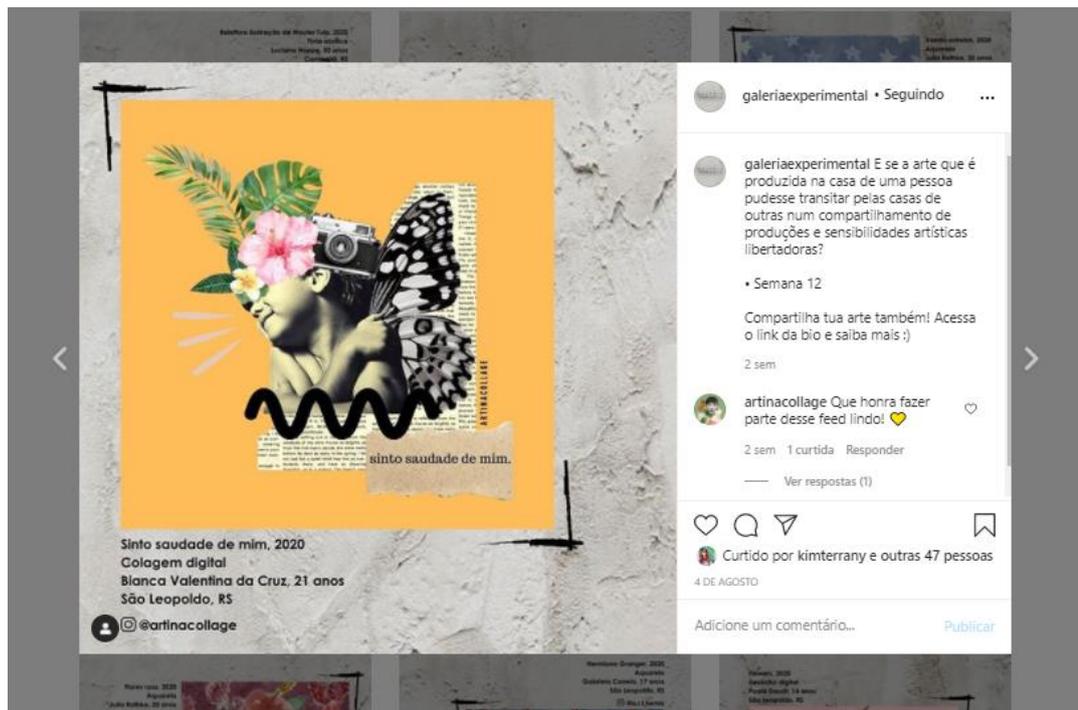
Um ano antes de ingressar na escola, conheci a galeria por meio de uma visita que a minha antiga escola realizou no IF. Logo quando falaram que alunos poderiam ser voluntários daquele local, eu já me interessei. Então, depois de ser aluna, no primeiro ano, eu já me inscrevi para o voluntariado (VOLUNTÁRIA 05, 2020, doc. eletr.).

Observa-se então que o trabalho da Galeria Experimental gera um impacto também nos visitantes que não fazem parte daquele grupo escolar. Porém, não houve muitas alusões à visita de um público espontâneo externo, proveniente da comunidade do entorno. Portanto, analisando a Galeria Experimental como espaço de difusão cultural para região onde está localizada, é necessário se atentar para uma melhoria nesse diálogo e pensar mais intervenções que possam gerar uma ponte entre o espaço e a comunidade.

Quando questionado esta questão para a professora Bianca Ruskowski (2020), uma das fundadoras do espaço, foram descritas variadas ações realizadas para atingir um público diverso. Entre elas estão atividades para servidoras(es) e equipe terceirizada; eventos para escolas da região; o evento anual “Encontro de Arte, Cultura e Cidadania”; atividades propostas pelas(os) professoras(es) do próprio IFSul, de diferentes áreas, para suas turmas. Além da divulgação em múltiplos meios de comunicação, como redes sociais, página institucional, rádios e jornais locais. Percebe que já foi identificada pela equipe a necessidade do diálogo com a comunidade. Então, é de grande valor que essas ações sejam mantidas e se possível realizadas ainda em maior escala.

Vale ainda destacar o interesse da continuidade da propagação e divulgação da arte pela Galeria Experimental mesmo em um momento de isolamento social. Nos deparamos com um contexto de saúde pública grave, com uma pandemia mundial se propagando e fazendo parte das nossas vidas em diferentes sentidos. Visto isso, fica clara a impossibilidade da realização de exposições presenciais, porém as produções artísticas não deixam de serem criadas. Portanto, a Galeria Experimental tem se utilizado das ferramentas digitais, mais precisamente sua página na rede social *Instagram* para permanecer alimentando o processo de conversa e troca com o seu público e espalhando arte, agora nas telas de suportes tecnológicos.

Figura 11 - Postagem do projeto Galeria em Casa



Fonte: Página institucional no Instagram da Galeria Experimental, 2020.

Visto isso, percebe-se mais uma vez a aproximação da Galeria Experimental com os pressupostos da ação cultural de criação, a qual consiste produzir uma conexão entre os indivíduos e as produções culturais ou de arte, para que a partir delas possa extrair o que se vê necessário para a presença no universo cultural. Aqui não se trata apenas de criação física, mas também da proposição das relações entre as pessoas e delas com os objetos (COELHO NETO, 1997). Esta noção nos faz lembrar o que já exposto anteriormente na perspectiva museológica sobre o potencial relacional da Galeria Experimental.

Para finalizar deixo aqui a declaração de uma aluna no vídeo “Galeria pra quê?” (2015) que expõe um ponto de vista da atuação deste espaço:

A Galeria é culpada, culpada por ter quebrado a rotina. Culpada por ter dado visibilidade a vários artistas locais. Ela é culpada por trazer arte pra minha vida e pra vida de todas as pessoas que frequentam essa escola. Ela é culpada por transformar, por ensinar. Culpada por fazer com que essa instituição tenha um grande diferencial. Ela é culpada por nos fazer sonhar e por proporcionar momentos incríveis. O problema é que a Galeria não é mais experimental, porque depois de ser culpada por tantas coisas, eu sinceramente acredito, que o experimento tenha dado certo (ALUNA, 2015, 12:56-13:43).

Após o levantamento das informações a partir dos questionários, as fontes e referências desta pesquisa, entende-se a necessidade do incentivo a continuidade deste projeto. Percebe-se o significado das ações que este espaço de arte tem para todas(os) aquelas(es) envolvidas(os) de alguma forma com os diversos processos presentes nas exposições e eventos realizados. Desta forma, é importante que o olhar daqueles que têm a responsabilidade de auxiliar no manutenção institucional da Galeria Experimental identifique este ambiente como uma potência de política cultural dentro de um espaço escolar, que pela comunicação da cultura material – por meio de exposições – estimula as relações entre os sujeitos, um convite para, na perspectiva do presente, se reflita criticamente sobre o passado e perspectivas de futuro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já esclarecido anteriormente, eu, Giovanna, tive o prazer de experienciar o espaço da Galeria Experimental em diferentes momentos da minha vida e do próprio projeto. Esse contato me possibilita analisar a Galeria sob diferentes perspectivas, a primeira que escolho repartir é no panorama pessoal, enquanto aluna do ensino do médio, moradora de uma região onde a arte não é prioridade. Este espaço me permitiu o contato com arte de uma forma muito mais fácil, me mostrou que a arte pode atingir um público mais diverso e possibilitou a primeira relação com a produção de exposições, o que posteriormente se tornou em carinho pela expografia.

Essa pesquisa pretendeu perceber e identificar os papéis da Galeria Experimental do IFSul Câmpus Sapucaia do Sul como um espaço de difusão cultural na Região Metropolitana de Porto Alegre-RS. Com o objetivo de investigar as formas que a Galeria se coloca como uma ferramenta de fomento artístico na localidade onde se encontra, a partir da pesquisa de sua história e dos seus processos, identificando-a como fenômeno cultural. Para que a partir daí fosse possível compreender de que forma se dá uma galeria de arte em um espaço escolar e como sua comunidade se relaciona.

Partindo para a visão de uma estudante de Museologia, futura museóloga, o olhar se atenta para outras questões. Nesse sentido, destaca-se primeiramente os Institutos Federais de Educação como espaços que propõem uma formação ampla, com muita relação com o mercado de trabalho, mas sem deixar de olhar para as questões ligadas à cidadania. Ao longo da trajetória dessas instituições houve transformações e mudanças em sua atuação e atualmente são percebidas como espaços escolares consolidados que oferecem, as comunidades que pertencem e a seus alunos, variadas oportunidades dentro do campo do ensino, da pesquisa e da extensão.

Dentro desta noção é possível refletir sobre o IFSul Câmpus Sapucaia do Sul, que desde sua abertura em 1996 até os dias atuais, apresentou diferentes configurações, mantendo suas ofertas associadas às necessidades do contexto local. E mesmo sendo uma instituição tecnicista, devido às experiências e esforços das(os) professoras(es), se tornou um ambiente fomentador da cultura. Nesse panorama, se destaca o curso de Gestão Cultural, que auxiliou em potencializar

essa particularidade. Até mesmo, foi de grande importância para a existência da Galeria Experimental. Portanto, se percebe a relevância em evidenciar instituições de ensino que além de proporcionar a formação educacional, percebem seu papel social no ambiente que estão inseridos.

Neste cenário, nota-se que a Galeria Experimental proporciona aproximações com diferentes áreas do conhecimento. No caso deste estudo nos aprofundamos nas intersecções com a Museologia, a Educação e a Política Cultural. No primeiro caso, percebe-se a afinidade da Galeria Experimental com a noção das relações produzidas no ambiente de caráter museal, onde o foco não está em coleções, ou acervo, mas nas experiências que essa vivência oportuniza. Aponta-se a Galeria como uma ferramenta para gerar reflexões, por meio da arte e da cultura. E além disso, se torna um projeto que auxilia no processo de desmistificação da elitização da arte e dos espaços de memória, tornando-os mais acessíveis para a comunidade que pertence.

Para além, a criação e a continuidade do trabalho realizado na Galeria Experimental, coordenado pelas professoras Stefanie Moreira e Bianca Ruskowski, faz um caminho inverso ao que geralmente ocorre nas instituições escolares. Quando se propõem a refletir e incentivar a relação dos alunos com espaços museológicos, é comum a realização e saídas de campo, quando possível, devido a realidade das escolas públicas brasileiras. Visto isso, a Galeria Experimental evidencia o potencial de uma ação que propõe levar a arte até os alunos, em um ambiente que se sintam à vontade. Para que a partir daí possam se reconhecer pertencentes, consumidores, e até mesmo produtores deste universo.

A Galeria Experimental se coloca como parte importante do processo de formação dos participantes, onde se deparam com a ideia de uma educação prática e participativa. Quando se aprofunda nessas questões, é perceptível que na metodologia de produção e do trabalho cotidiano da Galeria as noções da educação dialógica são aplicadas e incentivadas. Se preza por um processo coletivo onde todos têm voz para expressar suas opiniões. Porém, a própria equipe nota a necessidade do fortalecimento destas atitudes participativas, onde todos possam se sentir agente ativos e confortáveis para colaborar nas decisões e concepções.

No contexto da política cultural, a Galeria Experimental se coloca como um ambiente que proporciona a fruição da arte dentro do espaço escolar, onde se nota grande diversidade de grupos sociais. Ainda, consegue levar a produção artística

para essa localidade periférica, se analisada sob a questão do desenvolvimento social e do fomento da arte. Desta forma, produz uma ponte entre os indivíduos e a arte, que se fora deste ambiente, seria uma conexão difícil de ser realizada.

Enquanto cidadã, percebo a necessidade da manutenção de instituições de ensino que proporcionam uma educação de qualidade e que incentivam a cidadania. Assim como observo a Galeria Experimental como um ambiente que visa a democratização da arte e que facilita a relação da sua comunidade com a cultura. Cada vez mais se percebe necessária a continuidade de ações que oportunizam o contato com a produção artística e com as temáticas abordadas nas exposições. Além disso, se constata a importância do incentivo na realização de ações de pesquisa e extensão, já no ensino médio, visto o quanto esses projetos podem impactar na vida daqueles que participam e usufruem.

Portanto, percebe-se a Galeria Experimental como um espaço que difunde a arte e a cultura em uma região onde esse exercício é escasso. Indo a fundo sobre seu trabalho e atuação é perceptível que seu impacto vai além das visitas às exposições, está em suas produções, em seus posicionamentos, nas relações e experiências que proporciona. Essa pesquisa auxilia a evidenciar a importância do olhar e da aproximação da Museologia com espaços pouco convencionais e conhecidos pelo campo, a fim de difundir projetos que possam ser utilizados como inspiração para outras ações.

A pesquisa demonstrou que há possibilidades de continuidade nessa temática e nesse objeto de estudo, a partir de diferenciadas perspectivas. Uma das propostas seria investigar as apropriações da arte no ambiente escolar, com foco na análise das exposições. Outro estudo interessante seria explorar a história da educação utilizando essa Galeria para a observação. Utilizo este espaço também para agradecer a disponibilidade da equipe da Galeria Experimental, em especial a estagiária Flávia Fraga, que durante este processo de pesquisa a distância, foi sempre muito solícita e disponível para auxiliar.

Encerro esse trabalho de conclusão de curso evidenciando que é possível identificar práticas educativas compromissadas com o exercício da cidadania. A Galeria Experimental é um trabalho colaborativo, criativo e emancipador, que instiga as(os) estudantes a interpretarem a realidade e se tornarem protagonistas de sua própria história. Interpreto que esse é um cenário em que exercícios de caráter museal valorizam a reflexão e a mobilização, potencializando uma Museologia

crítica, contemporânea, fundamentada em atos de resistência, de libertação e de afetos.

REFERÊNCIAS

A INSTITUIÇÃO. Sapucaia do Sul, RS: Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET-RS, Unidade Sapucaia do Sul, 2006.

AMARAL, Carla Giane Fonseca do. Arte e educação profissional no Brasil: desafios para a docência. In: *(pensamiento), (palabra)... Y Obra* 67 n.15, enero - junio de 2016 p. 64 -71.

ARAÚJO, Jair Jonko; HYPÓLITO, Álvaro Moreira. Novos significados para educação profissional e tecnológica no instituto federal sul-rio-grandense: a política de criação dos institutos. *RBPAE*, Goiânia, v. 32, n. 1, p. 247 – 265, 2016.

ARTISTA 1. *Questionário das(os) artistas*. Entrevistadora: Giovanna Veiga dos Santos, Rio Grande do Sul, 2020. 1 formulário. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

ARTISTA 5. *Questionário das(os) artistas*. Entrevistadora: Giovanna Veiga dos Santos, Rio Grande do Sul, 2020. 1 formulário. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

BRASIL, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF, jan 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm Acesso em: setembro de 2020.

BRULON, Bruno C. A experiência museológica: Conceitos para uma fenomenologia do Museu. *Revista Museologia e Patrimônio*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 55 – 71, 2012. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/issue/view/14> Acesso em: setembro de 2020

CÂMPUS SAPUCAIA. *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia*, 2019. Disponível em: <http://www.sapucaia.ifsul.edu.br/campus-sapucaia> Acesso em: maio de 2020.

CAMPUS Sapucaia do Sul: curso superior de Tecnologia em Gestão da Produção Industrial. Sapucaia do Sul, RS: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio-Grandense, s.d.

CAMPUS Sapucaia do Sul: curso técnico em Gestão Cultural e curso técnico em Informática. Sapucaia do Sul, RS: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio-Grandense, s.d.

CANCLINI, Nestor García. *Definiciones en transición*. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

COELHO NETO, José Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CURSOS oferecidos. Sapucaia do Sul, RS: Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET-RS, Unidade Sapucaia do Sul, Coordenação de Registros Acadêmicos, s.d.

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE EXTENSÃO, 201[8?], p. 15.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 71 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019.

GALERIA EXPERIMENTAL, s.d. Disponível em:
<https://www.galeriaexperimental.com.br/> Acesso em: maio de 2020.

GALERIA PRA QUÊ? *Produção Galeria Experimental*. Brasil, 2015. Arquivo Galeria Experimental.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. A interdisciplinaridade em Museologia [1981]. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. v.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho internacional de Museus, 2010. p. 123-126.

_____. Exposição: texto museológico e o contexto cultural [1986]. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. v.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho internacional de Museus, 2010. p. 137-143.

MOREIRA, Stefanie. *Questionário das professoras*. Entrevistadora: Giovanna Veiga dos Santos, Rio Grande do Sul, 2020. 1 formulário. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

O PERFIL. *Prefeitura de Sapucaia do Sul*, s.d. Disponível em: <http://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/a-cidade/perfil/> Acesso em: abril de 2020.

OTRANTO, Célia Regina. Criação e implantação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFETs. *RETTA – Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas*. v. I, n,1, p. 89-108, jan./jun. 2010.

PLANO DE TRABALHO DO ALUNO BOLSISTA, 2016, p. 3.

PLANO DE TRABALHO DO ESTUDANTE, 201[8?], p. 2.

POSTEIRO. *Informativo da Escola Técnica Federal de Pelotas, Publicação Quinzenal da Comunicação Social*, Ano II, n.27, 15/04/98.

PROJETO MEMÓRIAS. Projeto Memórias do Câmpus Sapucaia do Sul, s.d. Disponível em: <http://memorias.sapucaia.ifsul.edu.br/projeto/> Acesso em: outubro de 2020.

ROSA, Tatiana Fátima Stürmer da. *Práticas sociais como manifestações culturais: um estudo sobre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Sapucaia do Sul*. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

RUSKOWSKI, Bianca. *Questionário das professoras*. Entrevistadora: Giovanna Veiga dos Santos, Rio Grande do Sul, 2020. 1 formulário. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. In: ENCUENTRO REGIONAL DEL ICOFOM LAM, 11., 2002. Equador. *Anais ICOM International Council of Museums*, Equador, 2002. p. 96-105.

TURISMO E LAZER. *Prefeitura de Sapucaia do Sul*, s.d. Disponível em: <http://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/a-cidade/turismo/> Acesso em: abril de 2020.

VARINE, Hugues de. A Nova Museologia: ficção ou realidade. *Museologia Social*, Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2000. p.21-34.

VOLUNTÁRIA 3. *Questionário das(os) voluntárias(os)*. Entrevistadora: Giovanna Veiga dos Santos, Rio Grande do Sul, 2020. 1 formulário. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

VOLUNTÁRIA 5. *Questionário das(os) voluntárias(os)*. Entrevistadora: Giovanna Veiga dos Santos, Rio Grande do Sul, 2020. 1 formulário. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

VOLUNTÁRIA 6. *Questionário das(os) voluntárias(os)*. Entrevistadora: Giovanna Veiga dos Santos, Rio Grande do Sul, 2020. 1 formulário. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

VOLUNTÁRIA 8. *Questionário das(os) voluntárias(os)*. Entrevistadora: Giovanna Veiga dos Santos, Rio Grande do Sul, 2020. 1 formulário. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

APÊNDICE A – Roteiro do questionário das(os) artistas

- Discorra brevemente sobre você e sua experiência profissional.
- Como conheceu a Galeria Experimental do Instituto Federal Sul-riograndense (IFSul)?
- Como foi a experiência de montar uma exposição na Galeria Experimental?
- Você notou alguma diferença desta sua exposição para outras montadas em ambientes mais convencionais de arte?
- Como você percebe este espaço de exposição na região onde se encontra?

Respondendo o questionário autoriza a utilização do conteúdo abordado. Agradeço por sua contribuição, que será de grande importância para o desenvolvimento da minha pesquisa.

APÊNDICE B – Roteiro do questionário das(os) voluntárias(os)

- Endereço de e-mail.
- Se apresente brevemente, destacando seu nome, curso e ano.
- Como começou a participar da Galeria Experimental?
- Quanto tempo atuou como voluntário(a) na Galeria Experimental?
- Quais são/foram suas funções na Galeria Experimental?
- Como funciona o processo de criação e produção de uma exposição na Galeria Experimental?
- Como você relaciona sua formação com a atuação na Galeria Experimental?
- Você possui relação direta com o público? Como percebe o público externo (comunidade próxima; familiares; escolas próximas)? Eles se fazem presentes na Galeria?
- Você considera que a atuação na Galeria influencia na formação profissional? E na pessoal? De que forma?

Respondendo o questionário autoriza a utilização do conteúdo abordado. Agradeço por sua contribuição, que será de grande importância para o desenvolvimento da minha pesquisa.

APÊNDICE C – Roteiro do questionário das professoras

- Endereço de e-mail.
- Como foi a ideia de criação da Galeria Experimental?
- Você considera que com o tempo o trabalho e os processos da Galeria foram se alterando? Como?
- Como funciona o processo de ideias e escolha para as exposições?
- Como você percebe sua atuação e dos(as) voluntários(as) atualmente?
- A Galeria é aberta ao público externo, como vocês trabalham para atingir esse público?
- Como você percebe a Galeria Experimental no município de Sapucaia do Sul?
- Como se dá a relação curadores e estudantes? E público e estudantes?
- Como você vê o impacto do trabalho da Galeria na formação dos alunos?

Respondendo o questionário autoriza a utilização do conteúdo abordado. Agradeço por sua contribuição, que será de grande importância para o desenvolvimento da minha pesquisa.

EXPOSIÇÃO: PARA VOCÊ, O QUE É ARTE?

Figura - Exposição "Para você, o que é arte?"



Fonte: Site Galeria Experimental, 2014

A primeira exposição da Galeria Experimental ocorreu ao longo do mês de maio de 2014, com objetivo principal da interação com a comunidade escolar. Esta intervenção contou com a participação de um grande número de estudantes, docentes, servidores e comunidade que ocupa este espaço, os quais deixando seus registros nas paredes, expressaram suas percepções e opiniões sobre a temática ali exposta, o que significa a arte para o público potencial para as próximas criações da Galeria Experimental (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.)

EXPOSIÇÃO: O AMOR NÃO DÓI

Figura - Alunos participantes da produção da exposição “O amor não dói” e a artista Isadora



Fonte: Site Galeria Experimental, 2014

A exposição “O amor não dói” ocorreu no mês de junho de 2014 e contou com obras da artista Isadora Brandelli, composta de quadros e poemas e com curadoria da aluna Mariana Soares, do curso de Gestão Cultural. A temática da exposição percorre o tema do amor e como a artista o percebe, em sua visão, o que dói são os sentimentos que caminham em conjunto como a insegurança, a saudade, o medo. Para retratar esta percepção se utilizou de representações ligadas a natureza, aos animais e ao amor. Em relação a disposição das obras no espaço, se reproduziu uma dualidade na forma de suporte e localização das obras. Com a intenção de gerar reflexão em relação “o que é arte”, as obras foram posicionadas em duas paredes, em uma o trabalho emoldurado, e na outra com as ilustrações coladas na parede, trazendo a informalidade com que a artista utiliza em sua casa quando as finaliza (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: FLUTUAÇÕES**Figura - Obras da exposição "Flutuações"**

Fonte: Site Galeria Experimental, 2014

Esta exposição foi realizada no mês de julho de 2014 com obras da artista Isabel Sommer e curadoria de Amanda Dapper, estudante do curso de Gestão Cultural. Uma das principais características destas obras são suas texturas. Isso se dá devido a técnica utilizada pela artista, a qual faz uso de vincos e sulcos de pedaços de madeira para retratar tensões visuais em suas telas. Esse processo se identifica facilmente também pela escolha de cores fortes que colocam em evidência este processo mostrando as marcas naturais dos troncos, assim como retrata a relação da artista com a natureza (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: SIMBIOSES

Figura - Os artistas Fábio Eros e Moacir Becker na exposição "Simbioses"



Fonte: Site Galeria Experimental, 2014

A exposição Simbioses ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2014 e contam com a composição e obras dos artistas Fábio Eros e Moacir Becker, com a curadoria de Luidi do Amaral, estudante do Curso de Gestão Cultural. Durante o período de exposição, o público pode observar a relação das escultura do Moacir com os grafites do Fábio. A proposta da exposição foi de apresentar em um mesmo espaço, dois artistas com linguagens, técnicas e contextos diferentes, a fim de representar a simbiose, que consiste em uma relação vantajosa para dois ou mais organismos variados (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: (RE)LEITURAS BORDADAS DE FRIDA KAHLO

Figura - Exposição “(Re)leituras Bordadas de Frida Kahlo”



Fonte: Site Galeria Experimental, 2014

Esta exposição ocorreu na última semana de outubro de 2014 com parceria do Programa Mulheres Mil do IFSul. Contou com envolvimento, de diferentes formas, de três mulheres: a pintora mexicana Frida Kahlo, a bordadeira e artista Ivone Junqueira e a pesquisadora Edla Eggert. Ivone foi presentada com o livro bibliográfico de Frida Kahlo pela pesquisadora Edla, a qual investiga estudos feministas, de saberes produzidos pelas mulheres e o trabalho manual. Com isso, a artista elegeu a Frida como tema e inspiração para a produção de suas obras, que tem como base os bordados artesanais. A exposição buscou relacionar e colocar em discussão as indagações que permeiam o trabalho manual e as questões de gênero (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: GRUPO ARTE 15**Figura - Artista Edu Zuchi na exposição "Grupo Arte 15"****Fonte: Site Galeria Experimental, 2014**

A exposição de obras do Grupo Arte 15 esteve aberta ao público no início do mês de novembro de 2014 com curadoria da estudante do curso de Gestão Cultural, Débora Link. Este grupo é do município de São Leopoldo/RS, vizinho de Sapucaia do Sul e na Galeria foram expostos obras dos artistas Andrea Hilgert, Edu Zuchi, Eliane Fagundes, Flora Zeltzer, Helena Salvetti, Inês Anlert, Jaqueline Mulher, Josi de Boni, Mai Bavoso, Márcia Alves, Neida Oliveira, Suzane Wonghan e Vera Zini. Além da disponibilização das peças, nesta exposição também realizada uma ação educativa de oficina de desenho com o artista Edu Zuchi (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

Figura - Peça de divulgação da exposição "Nadismo"



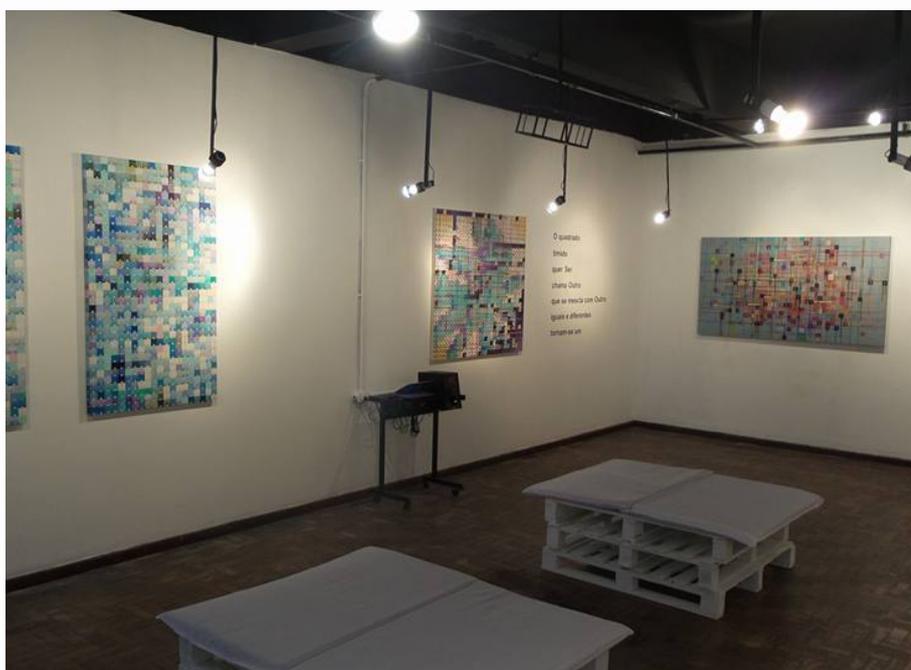
Fonte: Site Galeria Experimental, 2014

A intervenção "Nadismo" ocorreu no mês de dezembro de 2014, a ideia surgiu a partir da proposta do idealizador do Nadismo, Marcelo Boher, para ele consiste na valorização dos momentos de não fazer nada. Com isso, a ideia da Galeria Experimental foi de justamente convidar o público a usufruir de instantes de nadismo no momento de maior tensão no ambiente escolar, o fim do ano. A proposta foi de os visitantes refletirem sobre a importância de momentos sem compromissos e sem estresse dentro da rotina diária. O sucesso fez com se o projeto do nadismo virasse uma tradição nos finais de ano do IFSul (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

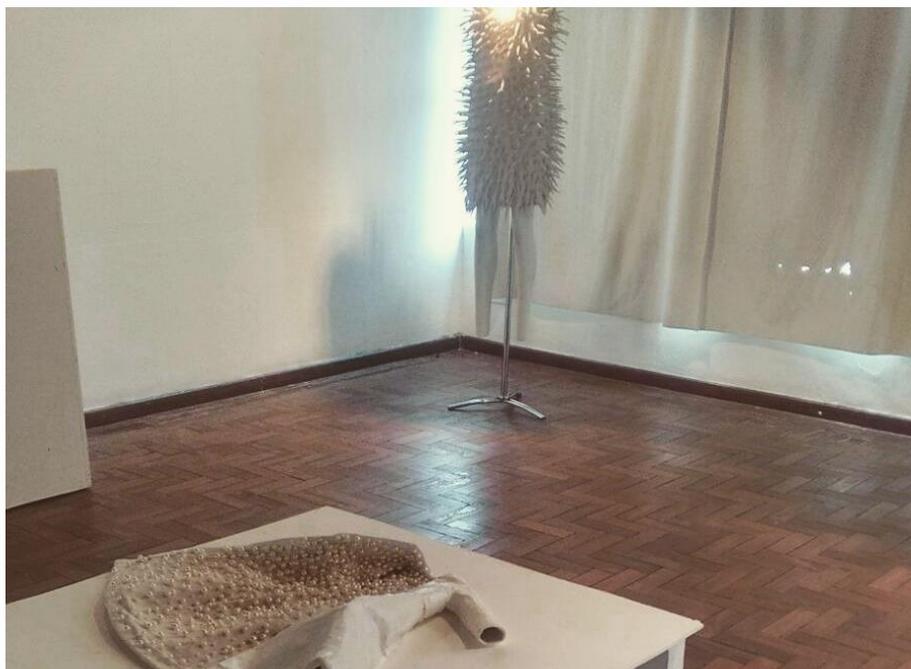
EXPOSIÇÃO: GALERIA PRA QUÊ?**Figura - Público na exposição "Galeria pra quê?"**

Fonte: Site Galeria Experimental, 2015

Esta exposição ocorreu no mês de abril de 2015 e foi projetada a partir de duas intenções: a primeira foi de evidenciar a memória do trabalho de todos os agentes envolvidos na produção e na montagem das exposições que passaram pela Galeria, a segunda foi de trazer a reflexão para a comunidade escolar, sobre o papel e a importância que este espaço assumiu (ou não) dentro do câmpus. As obras foram retomadas das exposições anteriores *Aquarela em Si Bemol*, *O Amor Não Dói*, *Flutuações*, *Simbioses* e *Grupo Arte 15*, foram coletados também depoimentos de visitantes e de artistas, assim como, as fotos que foram tiradas durante as exposições. A proposta segue também a ideia de interação com a intenção de registrar a opinião dos visitantes sobre a pergunta norteadora, a fim de evidenciar a relevância deste espaço dentro da instituição (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: O QUADRADO**Figura - Exposição "O quadrado"****Fonte: Site Galeria Experimental, 2015**

A exposição O Quadrado ficou aberta de maio a junho de 2015 na Galeria Experimental com as peças do artista Fábio Merker. Além dos quadros, algumas frases complementaram a exposição a fim de possibilitar variados diálogos. Os quadrados se fazem presentes em todas as obras, onde se percebe suas singularidades, mas ao mesmo tempo por suas similaridades, compõem o todo da obra. O artista tem a pretensão do domínio de sua obra, mas sua criação parece ser seus próprios desejos (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

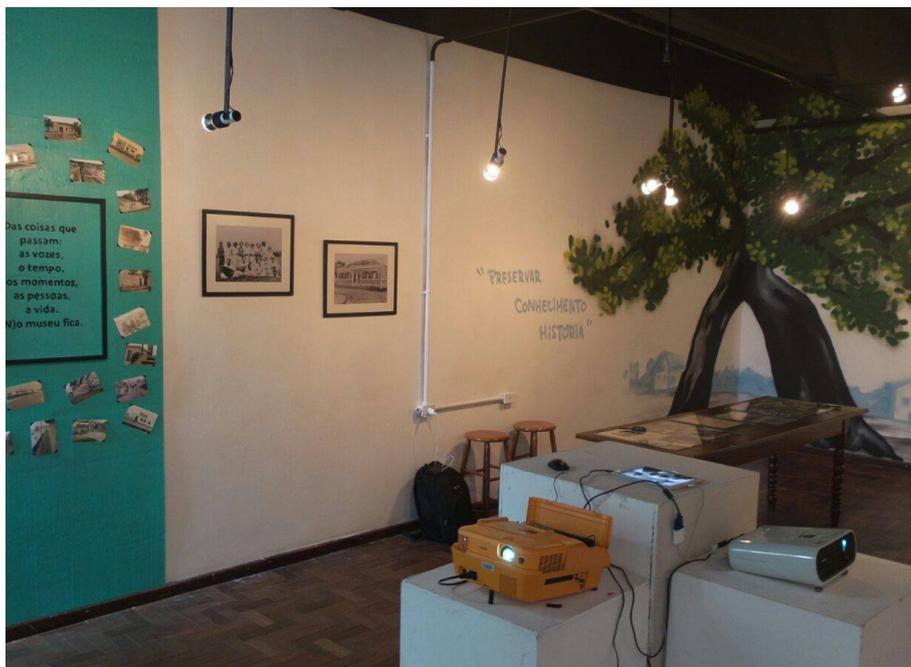
EXPOSIÇÃO: PROTEÇÃO**Figura - Obras da exposição "Proteção"**

Fonte: Site Galeria Experimental, 2015

Esta exposição esteve aberta entre os meses de agosto e setembro de 2015 com obras da artista Daiani Ferrari. A temática norteadora da exposição é a proteção, a partir daí desenvolve-se questões ligadas ao gênero, sexualidade e memória. Assim, seu trabalho busca incentivar a reflexão associada a rotina, principalmente ao cotidiano feminino, evidenciando a discussão dos estereótipos destinados às mulheres. "Suas obras são formadas envolvendo o agressor, [...] símbolo e refúgio do feminino, aludi ao sexo e à sexualidade, à intimidade, ao que está escondido, ao direito sobre o próprio corpo." (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: SAPUCAIA TEM HISTÓRIA

Figura - Galeria durante a exposição "Sapucaia tem história"



Fonte: Site Galeria Experimental, 2015

Esta exposição esteve aberta ao público durante o mês de novembro de 2015 teve curadoria das alunas Giordana Scherer e Kássia Scharlau do curso de Gestão Cultural. O espaço se tornou uma ferramenta para compartilhar recordações, dividir memórias e oportunidades para ações que auxiliem no processo de preservação e salvaguarda da história do município de Sapucaia do Sul/RS. Para isso se utilizou de análises e depoimentos de moradores da comunidade, a fim de repercutir as características deste espaço no contextos das modificações da sociedades (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: NADISMO

Figura - Galeria durante a intervenção "Nadismo"



Fonte: Site Galeria Experimental, 2015

A segunda edição do Nadismo foi realizada no mês de dezembro de 2015, este com a temática de Ciclos. Para esta intervenção a Galeria foi ambientalizada com folhas secas, vídeos e sons do mar, e também com redes de descanso. Se utilizou destes recursos para transmitir o proposta da identificação das fases, períodos, passagem e também possibilitar momentos de descanso e nadismo para os visitantes durante este cansativo período da vida escolar (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: IFSUL 20 ANOS: CRONOLOGIA COLETIVA

**Figura - Aluno contribuindo na exposição "IFSul 20 anos:
Cronologia coletiva"**



Fonte: Site Galeria Experimental, 2016

Esta exposição ocorreu entres os meses de fevereiro e março de 2016. Foi uma ação da Galeria e comemoração aos 20 anos do IFSul Câmpus Sapucaia do Sul. Na exposição os visitantes foram convidados a relembrar a história desta isituições, assim como das pessoas que já viveram este Câmpus. Desta forma, foram disponibilizadas 500 fotografias para que eles fossem encaixando em seus respectivos anos de acontecimentos e colando por meio de etiquetas adesivas, informações sobre o conteúdo apresentado na foto (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: CHAINE**Figura - Obras da exposição "Chaine"**

Fonte: Site Galeria Experimental, 2016

A exposição "Chaine" ocorreu no mês de maio de 2016 e contou com linguagem e obras da artista Paula Plim. Uma das principais características da Paula é o uso de cores vibrantes e formas orgânicas. Visto isso, a Galeria Experimental e seu espaço foram um dos pontos principais para a exposição, pois contou com a luz natural transportada pelas janelas para a criação desta obra inédita que preencheu este espaço. Além disso, foram dispostos quadros e um vídeo no teto, trazendo a reflexão sobre esse ambiente (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

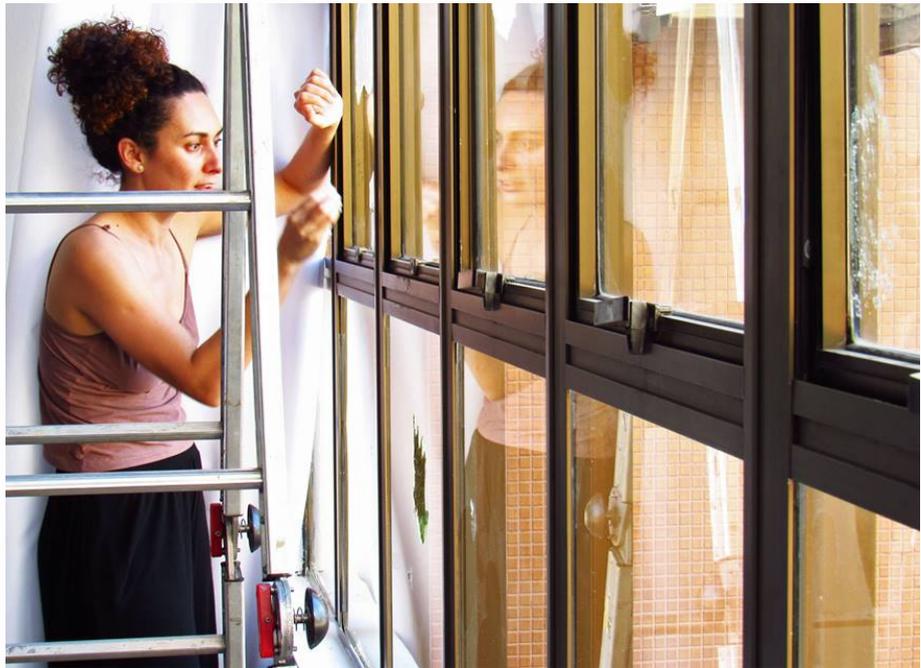
EXPOSIÇÃO: HISTERIA**Figura - Ação educativa “Diálogos Histeria”**

Fonte: Site Galeria Experimental, 2016

Histeria é uma intervenção que ocorreu durante os meses de agosto e setembro de 2016, de produção e realização da própria equipe da Galeria. A ideia da exposição e de sua temática surgiu a partir da inquietação e ao repúdio ao caso do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro, quando 33 homens violentaram sexualmente uma jovem de 16 anos, além disso, pelo descrédito da luta representada pela campanha lançada nas redes sociais “eu luto pelo fim da cultura do estupro”. A exposição contou com duas salas temáticas onde se abordou a questão de mulheres serem consideradas culpadas por serem agredidas e violentadas, da ideia de que a roupa que a mulher usa é sinal que ela está pedindo para ser abusada, da noção de que reagir a estas situações é Histeria. Esta intervenção na rotina da escola também contou com debates e diálogos embasados em depoimentos feitos até mesmo por visitantes (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: ANATOMIA DA BORBOLETA

Figura - Artista Janete Fonseca na montagem da exposição



Fonte: Site Galeria Experimental, 2016

Esta exposição da artista Janete Fonseca faz parte do resultados de sua performance que ocorreu no dia 20 de outubro de 2016, posteriormente permaneceu aberta ao público por mais quatro dias. As obras estão relacionadas com a figura humana e sua evolução nas capacidades motoras e transformações, assim como, o toque e a relação com o outro, que fazem parte das obras apresentadas. A ideia de trabalhar a matéria durante uma performance é significativa na mesma forma quanto os registros que ficam logo após e seguem disponíveis nos próximos dias. A anatomia da borboleta é uma cerimônia de passagem, é a ferramenta de registro daquilo que é melhorado pela mudança (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: GUILHERME IRISH

Figura - Janela da Galeria Experimental durante a exposição "Guilherme Irish"



Fonte: Site Galeria Experimental, 2016

A exposição Guilherme Irish ocorreu no mês de dezembro de 2016 com produção do Movimento de Ocupação do IFSul. A exposição recebeu esse nome em homenagem ao jovem Guilherme, assassinado pelo pai que não aprovava sua atuação no movimento estudantil na luta pela educação durante as ocupações. O jovem foi morto por seu posicionamento, sua insubmissão. Esta produção artística buscou expor, por meio da arte, a experiência de resistência e luta pela educação durante o período de ocupação, assim como, afirmar que o esforço de Guilherme se manterá vivo (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: TECELÃS DESAFIAM A EJA

Figura - Exposição "Tecelãs desafiam a EJA"



Fonte: Site Galeria Experimental, 2017

A exposição esteve aberta ao público entre os meses de agosto e setembro de 2017. Esta produção teve a intenção de trazer a reflexão as pessoas que trabalham com a Educação para Jovens e Adultos a atentar sobre essa atividade do trabalho artesanal presente na vida dessas alunas e alunos. Além disso, a exposição teve a proposta de buscar sensibilizar para um currículo que converse com a realidade e com saberes dos trabalhos manuais, que em sua maioria, são executados pelas mulheres brasileiras (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: APATIA, IMERSÃO E EMPATIA

Figura - Fase “empatia” da intervenção



Fonte: Site Galeria Experimental, 2018

A equipe da Galeria Experimental decidiu a temática da Empatia para direcionar as produções no ano de 2018. Imersão foi a primeira delas, aconteceu nos meses de maio e junho de 2018 e contou com três etapas Apatia, Imersão e Empatia. A primeira apresentou a palavra e seu significado, com a intenção de fazer com que o público reconhecesse suas atitudes a partir desta noção. A fase “Imersão” convidou os visitantes a explorar o caminho do processo de apatia, que nos deixa sem ação diante das situações, até o tema gerador. Para isso, a sala foi ambientalizada com matérias sobre tragédias do mundo, todas na altura do olhar, para que não fosse possível fugir da inquietação e ao fim uma pergunta sobre as próprias indignações. A última etapa contou com a pintura da palavra “empatia” em cima das respostas, fazendo um lembrete sobre o potencial revolucionário da empatia (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: ENTREOLHARES

Figura - Visitantes durante a exposição "Entreolhares"

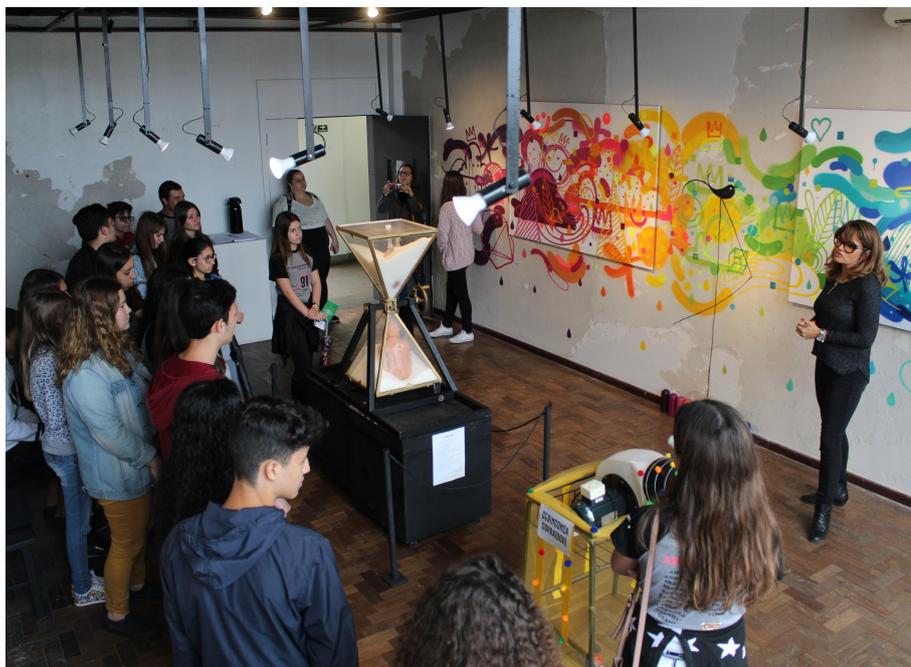


Fonte: Site Galeria Experimental, 2018

Entreolhares aconteceu entre os meses de junho e julho de 2018, foi uma exposição que trouxe o trabalho de duas artistas, Pâmela Marques com “As donas do orvalho: retratos da delicadeza no Haiti” e Tânia Meiner com “Vidas deslocadas. Além disso, contou com a parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para o Refugiados e com a Associação Antônio Vieira. Esta produção apresentou o olhar das artistas sobre deslocados(as), imigrantes e refugiados(as, a partir de suas fotografias propondo o olhar empático e a reciprocidade. Afinal, para que o entreolhar aconteça é necessário sair do estado de invisibilidade e isso ocorre apenas quando alguém nos percebe (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: UM DIA DE CADA VEZ

Figura - Visita da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Rita de Cássia de Sapucaia do Sul/RS na exposição “Um Dia de Cada Vez”



Fonte: Site Galeria Experimental, 2018

A exposição “Um Dia de Cada Vez” foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2018 e contou com os trabalhos dos artistas Moacir Becker, Edu Zuchi, Marcelo Pax e Ingrid Vanmalli. Surgiu como uma intervenção que buscou tencionar nossas relações com o “tempo”. As obras foram sendo expostas em etapas, primeiramente foi exposta a instalação “O tempo e a vida” de Moacir Becker, facilmente identificada por ser uma ampulheta em grande escala. A próxima intervenção foi o grafite de Pax, onde o público acompanhou seu processo de criação. Dando seguimento a programação foi realizada uma ação com a “Geringonça Soprador”, de criação da própria equipe, onde o visitante era convidado a dividir o que o alegrava e soprar as coisas ruins. Na última etapa foi criada a Rede dos Sonhos, a partir da obra de Ingrid, onde a intenção estava em fazer lembrar um sonho e amarrá-lo para ele não “cair” nesse mundo caótico (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

**EXPOSIÇÃO: MATÉRIA MÁGICA,
MÁQUINA VIVA, CORPO PLÁSTICO**

**Figura - Obra de arte na exposição “Matéria Mágica,
Máquina Viva, Corpo Plástico”**



Fonte: Site Galeria Experimental, 2018

Esta produção esteve aberta ao público entre os meses de outubro e novembro, expondo o trabalho da artista Carolina Marostica. A proposta surgiu da professora de artes do IFSul, Taila Idzi e com apoio técnico de Nelson Azevedo. Além disso, teve a colaboração dos professores João Antônio de Oliveira e Carmen Calcanho, que apresentaram suas pesquisas sobre polímeros e cederam espaço para intervenções da artista. Este trabalho surgiu a partir de uma perspectiva artística de um material conhecido pelos alunos do curso Técnico em Plásticos, as borras e as purgas. Esses materiais são utilizados para exemplificar os possíveis erros que podem ser cometidos no uso do maquinário técnico, a coleta destes para a realização das obras teve duração de aproximadamente 12 meses. O convite feito para Carolina analisar esses objetos sob outro ponto de vista, é dar uma “chance” ao que muitas vezes é tido como erro (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: SOULARTISTA**Figura - Artista Muriel Alves na exposição "SoulArtista"**

Fonte: Site Galeria Experimental, 2018

A exposição SouArtista ocorreu durante cinco dias no mês de novembro de 2018, é coletiva e expôs o trabalho de 13 artistas selecionados por júri técnico e voto popular como destaque do III Encontro de Arte, Cultura e Cidadania: Alexandre Hennemann, Alexsander Hennemann, Bianca Porciúncula, Bruna Barros, Gustavo Cardoso, Lauany Machado, Lisandra Steffen, Lorena Bendati, Muriel Alves, Ryel Nunes, Samuel Kamohara, Samuel Wolf e Victoria Cazarim. Cada um deles ficou responsável por seu espaço expositivo, onde realizam sua própria curadoria, com a ideia de proporcionar a experiência da produção de sua própria arte. Os artistas são de faixas etárias diferentes, usam materiais variados, com linguagens diversas. Esta experiência buscou incentivar esses jovens a se reconhecerem como artistas que foram e são (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: NADISMO**Figura - Exposição "Nadismo"**

Fonte: Site Galeria Experimental, 2018

A terceira edição do Nadismo na Galeria ocorreu no fim do mês de novembro e dezembro de 2018. Esta intervenção resgatou o grafite de Marcelo Paz da exposição "Um dia de cada vez" com uma nova organização do espaço. Agora com um ambiente neon, onde foi possível destacar o grafite, visto que o artista utilizou tinta fluorescente para sua produção. Além disso, foram adicionados, sons de ondas do mar, redes de descanso e almofadas para tornar o espaço mais confortável e convidativo para esta interrupção na rotina nesta época do ano, que é caracterizada pelo contrário disto (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: REDESENHANDO ALVORADA

Figura - Visitantes na exposição “Redesenhando Alvorada”



Fonte: Site Galeria Experimental, 2019

A exposição “Redesenhando Alvorada” permaneceu aberta durante os meses de abril e maio de 2019 e trouxe o trabalho do artista Pablito Aguiar. Alvorada é conhecida por “nao ter nada”, onde o assunto que mais aparece nas mídias é o crime e a violência, este movimento faz com que a população realmente pense que cidade é apenas isso. Então, a exposição foi uma chamada a conhecer Alvorada com outra perspectiva, perceber suas gentes. O artista apresentou também seu quadrinho sobre histórias de vida de alvoradenses, tudo real, com a beleza de uma vida não idealizada, em uma cidade que não tem característica de ser paisagem. A proposta é levar o público a refletir não só Alvorada, mas seu próprio município (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: MRCZ TROPICÁLIA, DADAÍSMO E EXPRESSÃO

Figura - Alunas na exposição "MRCZ Tropicália, Dadaísmo e Expressão"



Fonte: Site Galeria Experimental, 2019

A exposição MRCZ Tropicália, Dadaísmo e Expressão esteve disponível ao público do mês de junho até agosto de 2019. Apresentou o trabalho do artista Marcos Coelho, mais conhecido por MRCZ nas redes sociais onde divulga suas obras, que trouxe suas peças da série Tropicália. Foram distribuídos pelo espaço fones de ouvido onde os visitantes tinham oportunidade de ouvir as músicas referentes ao artistas mencionados na obra (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: HISTERIA**Figura - Exposição "Histeria"**

Fonte: Site Galeria Experimental, 2019

A exposição Histeria que ocorreu no ano de 2016 na Galeria Experimental, ganhou novo palco, agora na Faculdade EST durante o VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, durante quatro dias do mês de novembro de 2019. A ideia surgiu a partir da preocupação em discutir e trazer em evidência a temática, visto o acontecimento do caso de estupro coletivo em maio de 2016 no Rio de Janeiro, quando 33 homens violaram sexualmente uma jovem de 16 anos. Em conjunto com a exposição foi produzido um mapa de assédio, o qual no mostra que o assédio está em todo lugar, até mesmo naqueles que convivemos (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: O PERCURSO DA LINHA**Figura - Obra da exposição "O Percorso da Linha"****Fonte: Site Galeria Experimental, 2019**

O percurso da linha, ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2019 com o trabalho da artista Silvia Rodrigues em exibição. Além da amostra, contou também com uma ação educativa de um bate-papo com a artista. A exposição apresentou esculturas e telas, todas trazendo a temática da linha. Esta que feita de aço, mesmo assim se deixa moldar, vai se tomando diferentes formas. Na tela, a tinta e a linha direcionam o percurso, as artérias e raízes, sustentam e percorrem os caminhos, tramam a vida (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: SOUL ARTISTA 2ª EDIÇÃO

Figura - Galeria durante a exposição "SoulArtista"



Fonte: Site Galeria Experimental, 2019

A segunda edição da exposição SouArtista foi realizada entres os meses de outubro e novembro de 2019, seguiu o mesmo modelo da versão anterior, uma exposição coletiva com 12 jovens artistas selecionado a partir de votação técnica e popular do IV Encontro de Arte, Cultura e Cidadania. Agora com as cores fazendo parte do espaço, com a inspiração na diversidade de artistas e de suas produções. A intenção vem da ideia de proporcionar a experiência de expor em uma galeria, de incentivar e dar voz ao ser artista, que muitas vezes, são valorizados devido a padrões da nossa sociedade. Foram 12 artistas com uma vontade em comum, se expressar. Alguns no ensino superior, outros no fundamental. Uns usam tinta, outros lápis de cor, cada um fala sobre o que toca, seja super heróis ou desamores (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).

EXPOSIÇÃO: NADISMO**Figura - Galeria durante a exposição “Nadismo”**

Fonte: Site Galeria Experimental, 2019

A quarta edição do Nadismo na Galeria ocorreu entre o fim de novembro e dezembro para o público aproveitar e tirar momentos para “não fazer nada”. Esta versão veio com uma linguagem mais colorida, com mais plantas e mais luz. Estas intervenções que ocorrem todos os anos são uma forma de comunicar a mensagem que todos merecem instantes de descanso e relaxamento no meio da correria do dia-a-dia (GALERIA EXPERIMENTAL, s.d.).